O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XXXVIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS — SABBADO 26 DE OUTUBRO DE 1889 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:839

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — HOMENAGEM.—ELEIÇÕES.— AS ELEIÇÕES NO DISTRICTO. —OS ACTOS DA OPPOSIÇÃO NO PORTO. — EL-REI D. LUIZ. — COMMISSÃO DISTRICTAL.—NOTICIARIO.—A RAINHA D. MARIA PIA.—REI E PAE.— —FORMULARIO.—CARTA DE LISBOA. —CARTA DE VALLE DE BESTEIROS. —CARTA DE FOZCOA.—COMMUNICADOS.—SECÇÃO AGRICOLA. — SECÇÃO LITTERARIA. — PARTE OFFICIAL. — FOLHETIM: A DAMA DAS CAMELIAS. —CORREIO DE LISBOA.

AVEIRO

HOMENAGEM

A' hora a que escrevemos segue magestosamente do templo dos Jeronymos para o pantheão dos reis, em S. Vicente de Fóra, o lugubre cortejo, onde encimado de corôas, que perpetuam a saudade de um povo inteiro, avulta o féretro que contém os restos mortaes d'el-rei D. Luiz I, que soube exercer as suas funcções constitucionaes a contento de todos os partidos monarchicos e da grande maioria da nação. Lá vae sumir-se na cripta sombria aquelle vulto, que a morte prostrou, e que o respeito do paiz consagra, cobrindo-o de lagrimas e de bençãos.

De todas as terras de Portugal acudiram a Lisboa commissões de cidadãos, que as representam n'aquelle acto solemne, em que a pompa funebre não encobre o que ha de angustioso e amargurado, ao ver que tão cedo se finou o principe, que era uma das nossas glorias, e cujo nome ha de ficar como tal assignalado nas paginas da historia patria.

Aveiro que ainda ha dois annos em demonstração de sincero jubilo o aclamava por occasião da visita com que nos honrou a familia real, tambem se fez representar no saimento do rei D. Luiz, prestando assim homenagem ás altas qualidades que eram distinctivo do seu caracter como primeiro magistrado da nação, e como homem liberal e esclarecido. Porque em D. Luiz, o principe e o cidadão andavam tão alliados e confundidos, que as qualidades do primeiro eram como que absorvidas pelos dotes primorosos do individuo. Alma de artista, consagrava os ocios ao estudo da litteratura, da pintura e da musica, buscando n'elle o desenfado para as amarguras provenientes do triste officio de reinar, como lhe chamava o desditoso que o precedeu no throno e cuja morte prematura infligira tambem á nação a dôr de immensa saudade.

*

Ante a magestade da morte aquietam-se as paixões e sóbe a préce do coração aos labios, rogando ao Deus de misericordia o descanso eterno da alma gentil, que perfumou a terra que lhe foi berço. Descansa em paz, espirito superior, divina scentelha, que illuminaste a patria com os fulgores do teu desinteresse e da tua dedicação, pondo bem a descoberto o que havia de são e conveniente nas honradas intenções, que te foram guia no espinhoso caminho da vida!

ELEIÇÕES

As folhas regeneradoras celebram a victoria alcançada pelos srs. Arroyo e Ferreira d'Almeida, que foram eleitos pela maioria, o primeiro pelo Porto e o segundo por Faro. Absteem-se todavia de contarem a historia d'aquellas duas candidaturas, que é curiosa, principalmente a ultima.

Quanto ao sr. Arroyo, as cousas passaram-se tão simplesmente, que basta ver a votação por assembleias d'aquelle circulo plurinominal, para se ficar sabendo o que se passou.

Lisongearam-se os dirigentes da politica progressista no Porto, com a idéa do desdobramento da lista, dando votos ao sr. dr. Ricardo Jorge, da esquerda dynastica, que apenas tinha certos de 800 a 850 votos quando muito. E não cogitaram na contra-prova. Miraram ao resultado, como quem tem certa a victoria. E vae os eleitores foram d'outra opinião, como se verificou ao findar o escrutinio. O sr. dr. Ricardo Jorge teve apenas 3:360 votos, nos quaes deduzidos 850 que eram os de que podia dispôr, ficariam para dividir 2:510, ou sejam 1:255 para cada candidato progressista. D'este modo, accrescentada esta fracção ao sr. dr. Oliveira Monteiro teremos 6:486, ou mais que o sr. dr. Arroyo 1:066 votos, em quanto o sr. Veiga Beirão alcançaria um excedente de 511. Já veem as gazetas serpaceas, que as cifras depõem contra a sua presumida influencia na segunda cidade do reino, a despeito de allegarem que não era alli popular a candidatura do sr. ministro da justiça. E tambem não podemos atinar com as razões de semelhante impopularidade, quando a terra invicta ainda ha pouco acclamava s. ex.ª, por causa do modo porque elle fizera preceder a apresentação do Codigo Commercial, que foi discutido primeiro por todas as estações reputadas competentes, sendo depois submettido á aprovação das côrtes.

Mas o triunfo tão celebrado do sr. Arroyo deve-se á famosa questão dos vinhos, gastando os exportadores rios de dinheiro tanto no Porto como em Gaya, por onde foi eleito o candidato republicano e esclarecido publicista o sr. Rodrigues de Freitas. Ninguem no paiz ignora esta circumstancia, e todos estão a par das diligencias, canseiras e capital dispendidos pelas casas exportadoras, tanto estrangeiras como nacionaes, que com a sua influencia e sacrificio pecuniario, aliciaram votos para a opposição. Em Gaya a liga era republicana, em quanto que além Douro se declarava serpacea dos quatro costados. Porque a liga não tem politica, e o que pretendia era ajustar umas certas contas com o governo, por causa da criação das companhias vinicolas, que a affrontam, e que ella promette esganar logo que possa. E para isso precisava ter deputados seus, custasse o que custasse a eleição. Além da conveniencia, havia a ponderar, que arranjava duas vozes eloquentes na primeira assembleia politica do paiz. Tanto bastava para que considerasse salvaguardados os seus interesses.

Mas a despeito de tanta vigilia e trabalho, a liga e os serpaceos do Porto não contavam com a eleição, e muito menos pela maioria, como passamos a demonstrar.

1.°—porque se previssem o resultado, apresentariam na lista dois candidatos, em vez de um, e d'esse modo lá ia por agua abaixo a candidatura do sr. ministro da justiça;

2.°—porque se tivessem a probabilidade do triunfo, não proporiam por Paredes o sr. Arroyo, cujo nome supunham muito arriscado no circulo plurinominal do Porto.

E isto parece-nos tão irrespondivel, que não sabemos como os orgãos serpaceos e da liga nos hão de objectar.

*

Quanto á eleição por Faro do sr. Ferreira d'Almeida, ninguem ignora hoje no paiz, que a desistencia do sr. Marçal Pacheco, foi quem o alentou e fez eleger, por quanto a sua candidatura supunha-se perdida por aquelle circulo plurinominal. Se o sr. Marçal mantém o seu nome, como se dizia, devia ser elle o mais votado, seguindo-se-lhe os nomes dos srs. Elyseu Serpa e o visconde de Silves. Mas tão estranha resolução á ultima hora, transtornou o plano dos progressistas d'aquelle districto, dando a mairia ao sr. Ferreira d'Almeida, elle que nem pela pela minoria contava ser eleito!...

Mas os serpaceos não teem que festejar quanto á eleição do Algarve. Venceram um candidato por Faro, graças á tramoia de Loulé, cuja historia conhecem tão bem ou melhor que nós. E mais não disse. Nem mais um deputado pilharam por aquella circumscripção administrativa, visto que os srs. Matheus, Mascarenhas e Virgilio pertencem á esquerda dynastica. O partido progressista manteve por alli o mesmo numero de deputados que tinha na legislatura passada.

Já veem que a grey serpacea não tem motivos pará pôr luminarias. Mas como a pobre com pouco se contenta, deixal-a folgar aparentemente, porque em familia reconhece e confessa que a derrota do dia 20 foi monumental.

AS ELEIÇÕES NO DISTRICTO

Tem-se feito ahi muita bulha com o resultado das eleições nos concelhos de Oliveira d'Azemeis e Ilhavo, e não teem razão para isso os que cantam glorias. E' positivo.

Em Oliveira d'Azemeis não se perdeu nada. Na assembleia de Carregoza as cousas correram como se sabe. Alli, no primeiro dia, uma *troupe* de caceteiros invadiu a assembleia e fez cousas que deram em resultado o arrebatamento da urna, que viajou d'alli para Oliveira, voltando no dia immediato para continuar a votação; mas esta era tão notavel a favor dos amigos do governo, que a opposição se viu forçada a mandar para alli o melhor da *sua gente*, mais de 600 caceteiros, a cujos desregramentos se deve não poderem continuar os trabalhos.

A votação d'esta assembleia era favoravel ao governo em mais de 150 votos, e não o foi em tão grande numero, pelos motivos que expomos.

A eleição pois está vizivelmente nulla, e porque o está, o apuramento não póde ser favoravel á opposição. A eleição d'aquella freguezia tem de repetir-se, e então se verá quem venceu.

Em Ilhavo o partido progressista não tomou parte na eleição. Desde que viu o mau caminho que as cousas tomavam, desde que viu enthronisar-se aqui, na governação do districto, o elemento opposicionista, fazendo sua a situação, entendeu e com razão que devia deixar-lhe o campo livre; e a essa circumstancia se deve o desastre que a auctoridade alli soffreu, e que ainda assim se contempla com pezar.

A situação aqui não é do partido progressista. Este suporta resignado, mas vencido, as tonturas d'uma administração politicamente incorrecta e partidariamente desleal.

São os successos, é a historia—é mais que isso—o fructo d'uma escolha desgraçadissima.

OS ACTOS DA OPPOSIÇÃO NO PORTO

Durante o periodo eleitoral a imprensa opposicionista do Porto inventou as maiores torpezas e disse os despauterios mais condemnaveis; e fez mais: dirigiu-se ao novo Rei pedindo-lhe que as vidas dos seus correligionarios fossem poupadas. Assombram estes actos de pura preversão moral.

Sobre o assumpto escreve um collega nosso, do Porto, o seguinte:

«Os leitores já sabem que, na vespera da eleição, o chefe do partido regenerador, n'esta cidade, se dirigiu telegraphicamente a el-rei, pedindo-lhe providencias contra suppostas intenções de violencia, que attribuiu aleivosamente ás auctoridades do Porto. Foi uma infamia. Consta agora que a mesma gente praticou nova aleivosia, reincidindo no facto verdadeiramente immoral e criminoso de alarmar el-rei com communicações sabidamente falsas e affrontosas para o partido progressista. Segundo nos informam, foi transmittida a el-rei telegraphicamente a ignobil calumnia de que em Vallongo fora assassinado a punhaladas um eleitor adversario do partido governamental. A indecencia do procedimento só póde ser excedida pela imbecilidade.

Hontem, o correspondente de Vallongo para o *Commercio do Porto*, que não póde ser suspeito de affeição progressista, narrava assim o caso em telegramma:

«Houve um pequeno tumulto entre os populares, devido ao estado de exaltação produzido pelo vinho.

Os tiros de revolver, a que me referi no telegramma que enviei hontem, foram dados para o ar.

Morreu repentinamente, por causa de uma congestão pulmonar, o sr. Francisco Malta Valença. Esperei o resultado do exame feito ao cadaver para lhes dar esta noticia.»

Ainda sobre o assumpto escreve um collega nosso de Lisboa:

«Com grande espalhafato e abusos de *caixa alta* vem a gazêta do chefio contando que os empregados da camara de Vallongo mataram o pagador da junta geral, á custa das suas proezas eleitoraes. Vae-se a averiguar o caso, e sae-nos o homem victima d'uma congestão cerebral. A' mesma gazetona *consta* que foi assassinado *outro* regenerador em Villa Nova de Gaya. Não morreu ninguem, nem sequer de morte natural. Apenas alguns trambulhões devidos ao abuso do enthusiasmo, o que não admira: trabalhavam por conta dos vinhos.

«Os papeis republicanos já confessam que não é pelos votos republicanos que o sr. Rodrigues de Freitas vem á camara. Meio caminho andado. Mais um esforço, e temol-os a confessar que os negociantes de vinhos gastaram 40 contos para o eleger.»

EL-REI D. LUIZ

E' do *Economista* o seguinte artigo:

O reinado de D. Luiz ha de ser particularmente mencionado pela notavel transformação colonial que durante elle se operou.

Portugal adormecera, por largo tempo, embalado pelas recordações das suas conquistas e desenvolvimentos de outr'ora, e enervado por essa prosperidade ficticia que a algumas das suas colonias trouxera, por alguns annos, o trafico da escravatura. Parecia um somno de morte. Podiamos ser respeitados pelo nosso poderio colonial e eramos esquecidos. Mal se lembravam os que nos confundiam com a Hespanha, que esta pequena nação tinha, além mar, ricas e importantissimas colonias, que, quando bem administradas, quando exploradas com sincero empenho de lhes utilisar as riquezas e as condições especiaes, podiam tornar-nos uma nação com largo futuro, e cujo valor não podia deixar de ser tido em conta nos congressos das nações civilisadas.

No periodo do reinado d'El-Rei D. Luiz o nosso rejuvenescimento colonial accentuou-se de um modo brilhante. O joven monarcha, apaixonado pela vida do mar, tendo elle proprio visitado as nossas colonias, começou de demonstrar, em todas as occasiões, o mais vivo interesse por tudo quanto podia importar ao renascimento colonial. Acompanharam-n'o no seu empenho os nossos homens publicos mais notaveis e em breve começaram de accentuar-se os resultados d'esses esforços cimentados para tão patriotico fim.

Não é, em quadro tão acanhado, que pode fazer-se a historia das nossas provincias ultramarinas no periodo do reinado de D. Luiz. Teriamos de recordar todas essas expedições de obras publicas, todas as explorações e travessias que fizeram sair do esquecimento, lá fóra, o nome portuguez, todas essas providencias humanitarias com que assignalamos a nova vida colonial.

D. Luiz teve a satisfação de vêr, que a nação sabia comprehender quanto entrava da sua iniciativa, dos seus esforços, da sua persistencia, n'esta obra patriotica; e decerto que, entre as suas mais gratas recordações, devia ficar indelevel a das verdadeiras ovações, que o povo lhe dispensou, ao lado dos nossos ousados exploradores africanos.

Para synthetisar de um modo claro os progressos coloniaes, n'este fecundo periodo de rapida transformação, seguiremos o caminho que temos escolhido, em relação aos outros aspectos por que vamos encarando o feliz reinado, que acaba de encerrar-se.

Compararemos as receitas e despezas das nossas possessões ultramarinas nos annos de 1863 e 1869.

Em 1863 a receita das provincias ultramarinas era calculada do seguinte modo:

Cabo Verde.....	105:162$500
S. Thomé.....	24:725$882
Angola.....	258:104$480
Moçambique.....	100:429$000
India.....	575:105$803
Macau.....	157:509$350
Timor.....	10:986$880
Total réis....	1.032:113$884

Em 1889 as receitas eram assim orçadas:

Cabo Verde.....	269:788$000
Guiné.....	46:477$200
S. Thomé.....	200:607$000
Angola.....	837:692$000
Moçambique.....	688:420$000
India.....	884:774$400
Macau e Timor.....	416:501$500
Total réis ...	3.344:710$100

As despezas em 1833 eram representadas pelas seguintes verbas:

Cabo Verde.....	145:260$878
S. Thomé.....	54:541$507
Angola.....	409:760$241
Moçambique.....	174:808$147
India.....	361:448$954
Macau.....	150:540$436
Timor.....	33:441$386
Total réis....	1.328:801$549

Em 1889 as despezas são as seguintes:

Cabo Verde.....	266:823$610
Guiné.....	196:193$369
S. Thomé.....	214:207$059
Moçambique.....	1.279:580$026
India.....	861:509$555
Macau e Timor.....	527:558$148
Total réis....	4.305:424$698

Em 1863 as verbas destinadas para obras publicas no ultramar, eram apenas as seguintes:

Cabo Verde.....	17:234$000
S. Thomé.....	7:632$000
Angola.....	21:641$560
Moçambique.....	8:120$000
India.....	68:518$400
Macau.....	20:250$000
Timor.....	5:627$200
Total réis....	149:023$160

Em 1889 as verbas destinadas para obras publicas, são as seguintes:

Cabo Verde.....	29:860$000
Guiné.....	8:970$000
S. Thomé.....	36:480$000
Angola.....	201:160$000
Moçambique.....	186:620$000
India.....	89:362$400
Macau e Timor.....	33:336$400
Total réis....	595:688$800

Os encargos que sobre a metropole pesam de proveniencia das provincias ultramarinas são, na realidade, maiores do que os accusados pela comparação das receitas com as despezas. Ha verbas importantes inscriptas no orçamento da metropole, que utilisam especialmente aquellas provincias, podendo, sem grande erro, calcular-se o encargo, no dobro do que é representado pelo *deficit* dos orçamentos ultramarinos.

Não estamos enumerando estes encargos senão com o proposito de demonstrar bem claramente, quanto é grande, actualmente, o empenho de favorecer o progresso colonial.

Temos muitas vezes demonstrado que nem todas as despezas lançadas á conta do Ultramar podem moralmente ser consideradas como encargo colonial, mas esse modo de encarar o problema colonial não destroe a verdade das considerações que temos feito.

A transformação tem sido verdadeiramente notavel, e se as despezas excedem ainda as receitas, devemos lembrar-nos que a maior parte d'aquellas ainda mal tiveram tempo de começar a produzir os seus beneficos resultados, não discutindo agora se parte d'essas despezas mais rasoavelmente deveriam ser inscriptas definitivamente no orçamento da metropole, como sendo propriamente da soberania e da administração superior.

O que nos parece evidente é que, sob o aspecto de engrandecimento colonial, o reinado de D. Luiz foi impressionavelmente brinhante e notabilissimo.

COMMISSÃO DISTRICTAL

RESUMO DAS DELIBERAÇÕES TOMADAS EM SESSÃO DE 15 DE OUTUBRO DE 1889

Foi presente o balanço do movimento do cofre da Junta Geral, durante a semana finda em 13 do corrente, que se achava conforme com a respectiva escripturação.

Deliberou passar ordem de pagamento da quantia de 218$920 réis a favor da Commissão Administrativa do Corpo de Policia Civil d'este districto, por conta da respectiva dotação.

Accordou não usar do direito de suspensão relativamente ás deliberações da camara municipal de Vagos, tomadas em duas sessões de 19 e 21 de setembro ultimo, ácerca do seu orçamento supplementar para o corrente anno, da construcção de fontes no largo da egreja e Ribeiro da villa, e de não lançar contribuição directa sobre os rendimentos em que não incidem as contribuições mencionadas no n.° 1.° do art.° 133 do Cod. Adm.

—

SESSÃO DE 21 DE OUTUBRO DE 1889

Deliberou consignar na acta a expressão do seu profundo pezar, e dos habitantes do districto que representa, pela prematura perda de Sua Magestade El-Rei o senhor D. Luiz I, de saudosissima memoria, e encarregar o seu digno presidente, o ex.mo sr. dr. José Maria Barbosa de Magalhães de o levar ao conhecimento da Familia Real; e bem assim deliberou encarregar o mesmo ex.mo presidente de representar a Junta Geral d'este districto no funeral d'aquelle muito bondoso monarcha, que deve ter logar na capital do reino no dia 26 do corrente.

NOTICIARIO

PEDIDO.—Aos srs. assignantes em divida pedimos a graça especial de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas. A brevidade augmentará a nossa obrigação.

28 d'outubro.—Faz segunda-feira 2 annos, que esta cidade se vestiu de galas para receber a honrosa vizita de S. M. El-Rei o senhor D. Luiz, que Deus haja.

Notas da carteira. — Passa hoje o anniversario natalicio do nosso presado collega e amigo, sr. dr. Barbosa de Magalhães, a quem d'aqui felicitamos com o maior jubilo.

— Partiram ante-hontem para Lisboa, os officiaes de cavallaria 10, os srs. capitães Lobo e Ribeiro, tenente Carvalho, alferes Vasco Martins, Araujo e Moreira, e veterinario. Vão assistir aos funeraes de s. m. el-rei D. Luiz, encorporando-se no prestito que da egreja dos Jeronimos, de Belem, tem de seguir, até S. Vicente.

— Os empregados judiciaes d'esta comarca escolheram o sr. escrivão Gualdino da Rocha Pimentel Calisto, para os representar n'aquella ceremonia.

— Esteve hontem n'esta cidade o nosso patricio e amigo, o sr. Jayme Clemente de Moraes Sarmento, digno escrivão de fazenda do segundo bairro do Porto.

— Regressou da praia d'Espinho á sua casa da Oliveirinha o digno deputado pelo circulo plurinominal de Coimbra o sr. dr. Castro Mattoso. Sua ex.ma esposa e filhos regressaram tambem d'aquella praia. Suas ex.as tencionam demorar-se até á segunda semana do proximo mez de novembro.

— Partiu para a capital o nosso collega e amigo o sr. Marques Gomes.

— Acha-se n'esta cidade o sr. Oliveira, digno inspector de fazenda do districto de Vizeu.

Notavel.—A sr.ª D. Guilhermina de Moraes Sarmento, filha do sr. Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, nosso collega da *Actualidade*, teve *accessit* no exame de chimica analytica, na academia polytechnica do Porto. Os nossos parabens muito affectosos.

Coronel Bento da França.—Todos os jornaes, tanto de Lisboa como do Porto e das provincias, fallam com saudade e respeito do malogrado commandante de cavallaria 10, que ha dias foi arrebatado pela morte aos carinhos de sua excellente familia. Não podemos transcrever, por absoluta falta de espaço, o que disse a imprensa sobre o homem, que por tantos titulos era sympathico aos habitantes d'Aveiro. Publicaremos porém hoje umas ligeiras notas biographicas do distincto militar, que se impunha como exemplo de leal camaradagem, e que ha de ser lembrado por quantos o conheceram.

O coronel Bento da França Pinto d'Oliveira assentou praça aos 17 annos de edade, em 8 d'agosto de 1851. Tinha por tanto quando falleceu 55 annos. Em 7 d'agosto de 1855 foi promovido a alferes. A sua promoção ao posto de tenente verificou-se em 30 de novembro de 1864. Foi capitão em 12 de setembro de 1872, major em 21 de dezembro de 1882, tenente coronel em 31 d'outubro de 1884. Em 14 de julho de 1888 foi elevado a coronel, sendo primeiro collocado em cavallaria 6, d'onde veio transferido para o 10, em consequencia da morte tambem inesperada do seu antigo commandante Antonio Corrêa.

O coronel Bento da França era cavalleiro de Christo e de S. Bento d'Aviz, e tinha as commendas d'Aviz e Izabel a Catholica. Foi ajudante d'ordens do governo de Cabo Verde, e governador da nossa possessão de Timor.

Foi chefe de gabinete quando Fontes foi ministro da guerra, e ajudante de campo do general Souza Pinto, que tambem foi ministro da guerra.

Era filho do tenente general Pinto da França, 1.° conde da Fonte Nova, e que falleceu em Lisboa sendo commandante da 1.ª divisão militar.

Pertence a uma familia que se tornou distincta pelos seus sentimentos liberaes e pelos serviços prestados ao paiz e á causa constitucional.

Seu irmão Salvador d'Oliveira Pinto da França, foi ministro da guerra em 1866. Fez parte do governo da fusão, sob a presidencia de Joaquim Antonio d'Aguiar.

Era o coronel França casado com sua cunhada a ex.ma sr.ª D. Maria Bernardina da Gama Lobo Salema, deixando cinco filhos, um dos quaes é alumno do collegio militar.

Um amigo do illustre finado, fallando das qualidades que exornavam o coronel Bento da França, diz o seguinte:

«Tivemos ultimamente occasião de visitar o regimento de cavallaria n.° 10; e de vêr a ordem, o aceio, a elegancia mesmo que distinguem aquelle quartel, que aliás tem, como nenhum outro de cavallaria, condições para se destacar de todos. Vimos a estima e a consideração em que era tido o chefe d'aquella corporação briosa, que era na cavallaria portugueza e no exercito dos homens que davam o nobre exemplo da actividade e do trabalho.

«A marcha ultimamente feita pelo regimento 10 d'Aveiro ao Choupal (Coimbra), executando todos os serviços inherentes, e cujo relatorio, que já tivemos ensejo de ver, já está no ministerio da guerra, deu nome e lustre áquelle corpo.

«Bento da França fazia gosto no seu *regimento*, e o logar que occupava á frente d'elle, e d'uma corporação d'officiaes que o estimavam e lhe queriam muito, era assignalado por actos de interesse, de zelo, de fervor pelo serviço e pelos progressos da collectividade.

«Com verdadeira surpreza e magoa recebemos hoje a noticia da sua morte repentina e inesperada. Não havia muitos dias que tinhamos sido recebidos em Aveiro com aquella galhardia e gentileza fidalga que caracteriva o coronel Bento da França, a quem uma antiga amisade nos ligava. Deixa-nos verdadeira saudade, e a sua morte causa-nos pena, não só por elle, que se finou tão cedo, como pela familia que elle tanto amava, e a quem se dedicara tanto do coração.

«Perde a cavallaria portugueza um official muito distincto.»

*

Alguns dos nossos collegas teem dito que o finado publicára ha pouco um livro sobre assumptos militares. Ha confusão de nome. O auctor d'um livro apreciabilissimo e de muito valor historico é o sr. Bento da França Salema, illustrado tenente de cavallaria 10, e sobrinho d'aquelle.

Desamortisação. — No dia 14 de novembro proximo hão de ir á praça no governo civil d'este districto 14 fóros e pensões pertencentes ao passal do parocho da freguezia de Lamas, do concelho da Feira, e impostos em bens sitos no mesmo concelho.

O inverno.—Já se fez sentir, pois o temporal do S. Simão veio antecipado, mas com uma fortaleza de amedrontar. Tivemos ahi dias de verdadeiro inverno, com chuva e vento desesperado e trovoadas á mistura. Ainda assim não houveram desastres nem sinistros de maior.

Tempo.—Continua chuvoso até ao ponto de estar causando grandes prejuizos á agricultura. Do milho dos campos está muito perdido, e aos arrozaes serodios succede o mesmo; ha ainda muito por apanhar, difficil de colher porque anda coberto d'agua. Para ser um mau anno para tudo, faltava apenas esta crescida temporada de chuvas torrenciaes.

Trabalho no mar. — Tem-o havido n'estes ultimos dias, e com mais proveito em algumas costas, mas ainda pequeno porque a sardinha é rara—tão rara, que a que apparece no mercado tem o preço de 4$000 réis o milheiro, e não é graúda. Tudo isto revéla falta geral, que é muito para sentir.

Grande roubo.—Quadrilha de salteadores.— Telegrammas de Almeida noticiam que uma quadrilha de salteadores assaltou a casa do rico proprietario da Reigada, n'aquelle concelho, o sr. Antão Augusto da Veiga e Oliveiro. Os salteadores amarraram o sr. Antão da Veiga e sua familia e roubaram-lhe depois 12 contos de réis em dinheiro e joias. Presume-se que, effectuado o roubo, se escapuliram para Hespanha. O sr. Antão da Veiga e Oliveira, já foi administrador do concelho em Almeida, em situações progressistas, e inalteravelmente tem militado n'este partido. Dotado d'uma grande bondade de coração e dispondo de bens de fortuna, que para aquella provincia tão pobre são excepcionalmente subidos, exerce alli uma influencia grande, não só geralmente reconhecida, mas geralmente acatada. A fama dos seus haveres corria não só por aquellas terras, mas ainda pelas da visinha Hespanha. Póde ser, pois,—e isso nos parece mais provavel,—que d'alli viessem os quadrilheiros. Sentimos este facto tão extraordinario, tão sem exemplo n'aquelle concelho, e esperamos em breve ter occasião de noticiar que as auctoridades locaes, em cumprimento do seu dever, colheram todas as informações sobre o crime, perseguiram e capturaram os criminosos.

Desgraça.—Em Moncorvo, no dia 24 houve uma grande desgraça, que fez enorme impressão na localidade. Quando retiravam de uma casa o cadaver de um homem, abateu o pavimento, arrastando na queda umas trinta pessoas que ficaram mais ou menos feridas e contusas.

Chronica das praias. —*Espinho, 22.*—Hoje de manhã pairou sobre esta costa uma trovoada iminente, com descargas eletricas successivas, acompanhadas d'uma chuva torrencial. O ceo, para o lado sudoeste, apresentava um negrume aterrador!

De repente cahiu sobre nós um violento furacão, que açoutava terrivelmente as arvores, que se curvávam até o solo. Minutos depois ouviu-se ribombar um trovão enorme, acompanhado d'um furioso vento, atravessando n'este momento do sul para o nordeste uma enorme columna de nuvens côr de chumbo, causando na sua passagem grandes prejuizos. Levou beiraes de telhados, clara-boias, alguns palheiros da beira-mar, e despedaçou duas lanchas que estavam na praia. Nas ruas era grande o panico, e toda a povoação gritava afflictivamente por soccorro!

Na rua de Bandeira de Mello, passando n'essa occasião um carro, tirado por dois cavallos, o cocheiro foi cuspido fóra da almofada, e os cavallos desfiláram n'uma vertiginosa corrida, indo esbarrar-se n'uma esquina da rua do Norte. Umas mulheres, que vinham da fonte, cahiram, desapparecendo-lhes os cantaros. O moinho de vento do sr. Visconde de Beires foi despedaçado. Na estação do caminho de ferro foram deslocados alguns wagons, impedindo a marcha d'um comboyo. Felizmente não houve desgraças pessoaes, e a tempestade diminuiu depois, mas a chuva tem-nos apoquentado muito soffrivelmente.

— O mar continúa a estar ruim e havaro em demasia. Não ha aqui memoria d'uma penuria assim.

— Foi muito sentida a morte do nosso bondoso monarcha, o sr. D. Luiz, de saudosa memoria.

— Pelo circulo da Feira sahiu eleito deputado o presidente da camara, o nosso dilecto amigo, sr. dr. Roberto Alves, cavalheiro que gosa aqui e no concelho de muitas e justas sympathias, pelo seu talento e pelas excellencias do seu caracter.

— Retira n'esta semana para a sua casa da Oliveirinha o ex.mo sr. dr. Francisco de Castro Mattoso da Silva Corte-Real, cavalheiro bem conhecido pela sua capacidade e influencia politica no districto, que lhe deve muitos e valiosos serviços.

— Causam-nos riso umas parvoiçadas, exportadas d'ahi para um trapo da Villa da Feira. Quem será o pateta?!

Noticias do Douro.—Na Regua tem apparecido ultimamente grande numero de representantes de casas inglezas, que se empregam na compra do vinho, effectuando importantes transacções n'este ramo de commercio.

— Vão ser organisadas duas companhias de bombeiros, uma em Villa Real de Traz os Montes e outra em Bragança.

Attentado.—Com intervallo de 4 dias foram disparadas duas bombas de dynamite contra a casa do escrivão de fazenda da Covilhã. O predio soffreu grandes avarias.

A RAINHA D. MARIA PIA

(Homenagem a Sua Magestade)

E' d'um collega nosso da capital o seguinte artigo:

«Se não fôra rainha, devia tel-o sido! A mulher alguma do mundo se pode applicar melhor este torneio de pensamento do que á Senhora D. Maria Pia, que possue de soberana desde o coração generoso e palpitante até á altivez do porte, percorrendo toda a escala de qualidades que se estende entre a primeira virtude e o ultimo requisito, e que tão necessarios são a uma soberana.

Veiu da Italia, como de lá veiu a arte, e trazendo comsigo o titulo de filha de Victor Manuel trazia tambem comsigo o cunho da liberdade, como a arte d'aquelle paiz o trouxe na sua relativa acepção ao mundo inteiro.

A *formosa italiana!*—era como lhe chamavam nos primeiros dias da sua chegada, mas essa classificação não se parecia nada com a de *formosa austriaca*, que tambem outra rainha trouxera comsigo para um paiz generoso na paz, mas indomavel na furia e que a arrastou a um patibulo. Atraz da *formosa austriaca* vieram, bem se sabe quantos epithetos e cognomes injuriosos, emquanto que a substituir a *formoso italiana* surgiu o do *Anjo da Caridade*. E' banal, dizem alguns azedos, é um cognome de rhetorica, resto de velhas ideas; mas é um cognome que lhe veiu do povo, é uma consagração que lhe viu d'um paiz inteiro.

Nasceu princeza como muitas, casou com um rei como algumas, mas fez-se rainha como nenhuma, e para fazer subir o seu throno onde só chegassem as preces e os mysticos louvores conseguiu subir quasi até Deus, construindo os degraus do seu altar de lapides commemorativas de rasgos d'alma, de caridosas acções, de generosidades sublimes. Para communicar com Deus collocou entre a terra e o ceu os pobres e as creanças e assim ella, que nascera já princeza, soube transformar-se em santa, ainda em vida.

O seu amor pelos que soffrem, as suas impetuosidades de espirito, as suas concepções de caridade podem nascer apenas d'uma vontade energica d'um calculado empenho; mas a fórma da execução, o sentimento do modo de fazer só podem brotar da alma, e só podem brotar da alma quando esta é grande, é generosa, é sublime.

Quando faz o bem, sente-o; a sua mão não deixa cahir a esmola, sem que o seu coração palpite; a sua bolsa não se abre sem que a sua alma se abra tambem e reflicta em si o quadro que se lhe apresenta. Não é um mialheiro que se quebra e entorna as moedas que encerra; é uma vida que sente, que vê, que observa e palpita por cada dôr, por cada queixume, e que chora quando encontra lagrimas, e que sorri quando as enxuga.

Sim, decerto, se não fôra Rainha, devia tel-o sido!

Quem não conhece toda a sua historia vasta e amontoada de acções gloriosas, quem não tem ouvido os hymnos de louvor que Portugal todo lhe tem tecido? Quem não sente que mais tarde se hão de reunir n'um grupo a historia da Rainha Santa convertida em lenda com a realidade de outra Rainha Santa de que restarão actos? Quem não vê a aureola de gloria com que ella soube—intelligente e boa—coroar-se e que brilhava tanto, e que era tão grande que a cingia a si, e a todos os seus?

Para que contar todos esses feitos de generosidade, que se chamam: esmolas para inundados, kermesses, incendio do Baquet, escolas, asylos, creanças adoptadas, recolhimento de orphãos, ensinos gratuitos, pensões a viuvas, amparo a enfermas—esse rosario enorme que os pobres teem, um dia, de resar em louvor sobre a sua campa?

Quem desconhece a sua influencia de esposa, só de esposa—e d'aqui lhe vem um dos grandes louvores, porque nunca no paço Real a Rainha apparecia a aconselhar,e era unicamente a mulher, a esposa,—sobre o rei D. Luiz, nunca se intromettendo em politica, não permittindo sequer que alguem se lembrasse de a envolver n'essa lebyrintho e apenas tratando da felicidade dos seus e do paiz?

Como soberana, a sua vida remata-se pela dedicação mais nobre, pelo maior excesso de zelo, de amor e de caridade tambem! A sua figura, pallida e magestosa, atravessava, serena e convicta do seu mister, pelo paço real, sem se dobrar á fadiga, sem vergar ao cansaço, tal era a força do seu espirito, a energia da sua vontade.

Ha dedicações grandes; mas o cuidado extremo da Senhora D. Maria Pia por seu esposo é mais do que grande, é extraordinario, e chega a parecer uma lenda! Tres mezes consecutivos, tendo no ultimo dia de lucta o mesmo trabalho e o mesmo vigor que no primeiro, tres mezes em que não descançou no seu leito, em que, para o rei se não sobresaltar, a virtuosa Senhora socegava n'um quarto contiguo sobre um sophá, ou sobre uma *chaise-longue* agora cinco minutos, logo dez, e nunca prefazendo n'uma noite duas horas de descanço. O minimo movimento, uma respiração mais alta, um suspiro que escapava, uma palavra, por mais baixo que fosse dita, a fazia levantar, a fazia accudir ao ponto de ataque, em soccorro, com a sua cuidadosa protecção!

Perdeu-se a campanha, mas foi uma perda que a encheu de gloria. Combateu, não pensando em si, arriscando a sua vida, e pensando só na causa que defendia, atordoando-se com o ruido da sua propria fuzilaria para não ouvir a do inimigo que, mais forte, marchava sempre e lhe conquistava dia a dia, concedendo-lhe victorias de momentos para a entreter, para a sustentar, o grande baluarte que ella procurava defender como uma lendaria heroina! E que combate terrivel esse em que d'um lado estava a Virtude e do outro a Morte, d'um lado o espirito a luctar, do outro uma lei inevitavel da materia a cumprir-se!

E sempre, alliada á larguaza de alma, á sentimentalidade do seu ser, a magestade de si propria até mesmo na dôr. Que o digam as suas palavras, dignas de Racine, ao abençoar o novo rei, seu filho, junto do cadaver do rei morto, seu esposo!

Sublime mulher, sublime esposa, sublime mãe e sublime rainha, o teu nome servirá para a Historia como uma invocação; serás recordada como um exemplo; desenhar-te-hão em apotheose; e hão de glorificar-te como santa. E tanto em festas de pobres, como em dias de maior gala, quer fazendo o bem, quer exercendo a magestade, seja o quadro o mais pomposo ou seja o mais humilde, ha de o teu vulto apparecer sempre como soberana em tudo!

E' que se não fôras rainha, devias tel-o sido!

REI E PAE

E' tambem d'um collega nosso de Lisboa o seguinte artigo:

E' rei de Portugal o senhor D. Carlos I, que Deus guarde por muitos annos, e seja tão feliz no seu reinado como foi seu glorioso pae, o senhor D. Luiz I.

Vamos narrar um facto que não pertence aos registos publicos, do qual, porém, deviam tomar conta as memorias do rei, sobre cujo cadaver choramos com verdadeira saudade, se n'este paiz se escrevessem memorias; e que poderia servir para a sua historia, se não fosse escripta sobre uma pagina ephemera do nosso modesto jornal.

Este facto, cuja veracidade nos é affirmada, que já hoje sem indiscrição podemos narrar, e sem que pareça adulação, visto que o censervámos em segredo até á morte d'aquelle em cujo louvor reverte, não o conhece o novo monarcha e ha de folgar de o conhecer.

Ha annos,—andavam então accezas umas questões irritantes na politica da capital,—levantaram-se grandes clamores em jornaes e em *clubs* contra os poderes constituidos; e as ruas de Lisboa presenceavam repetidos conflictos, mais ou menos graves, que desinquietavam o espirito publico. Deixemos no escuro nomes e datas, embora umas e outras podessem, publicar-se sem aggravos para ninguem.

Destinára-se na praça de Sant-Anna um beneficio,—não sabemos agora para que ou para quem;—sabemos que os beneficiandos foram solicitar a protecção do paço, desejando que suas magestades e altezas fossem assistir ao espectaculo. Ao menos (pois que el-rei não podia ir por doentes, a rainha e os principes.

Nunca debalde se appellou para o coração da virtuosa senhora; prommetteu a senhora D. Maria Pia ir com seus filhos ao caridoso espectaculo.

Os beneficiandos annunciaram nos jornaes este favor, com palavras de muita gratidão.

Tanto bastou para que uma parte da imprensa de Lisboa viesse declarar que tomava como accinte aquelle acceitação do convinte, aquella promessa de assistencia, que se tinha *como provocação a um partido*, e prometter que na praça de Sant'Anna se veria a desforra, no modo por que seria recebida a familia real.

No proximo conselho de ministros notou-se o que poderia haver de dessagradavel na praça de touros, a calcular-se pela acerba declaração que se lançara aos quatros ventos da publicidade, declaração tanto mais desarrazoada quando ia recahir sobre um acto pura e simplesmente de caridade.

Entenden o conselho de ministros,—por maioria de votos,—que devia dizer-se ao rei ser melhor não alimentar aquelle desvairamento, ainda sem importancia, com um acto inspirado nos mais santos desejos, porem que já não ia dar maior receita aos beneficiados, visto que a promessa publicada nos jornaes bastava a produzir o desejado effeito.

No dia seguinte o ministro encarregado pelo conselho de procurar el-rei deu conta do seu mandato, referindo minuciosamente o que e como se havia discutido aquelle assumpto, e dizendo-lhe qual fôra o voto do conselho.

— Houve então, ponderou el-rei, maioria e minoria; em que se fundavam os que opinavam que a rainha e os principes podiam ou deviam ir á praça de Sant'Anna?

— Em que sua magestade desejaria cumprir a promessa que fizera e em que a declaração d'alguns jornaes não podia ser séria nem dar os resultados que annunciavam. Em que a cordura vinha sempre moderar as excitações de momento; em que a caridade da rainha e dos principes era proverbial e nunca podia deixar de ser com toda a justiça apreciada, mesmo pelo que, n'um momento de irritação a que toda a gente é sugeita, a tivessem desconhecido.

— Eu sou da opinião d'esses ministros, disse el-rei. Ha em Portugal quem me não queira? talvez; é um direito; são opiniões que devem respeitar-se; não creio que haja em Portugal quem me affronte ou á minha familia. Isso não é para mim, nem é do nosso paiz. Depois, á falta de causa séria, este seria um mau pretexto. Comtudo a maioria do concelho receiou; porque?...

— Por lembrar-se de que algum desvairado podesse dizer ou fazer cousa destoante do tradicional respeito d'este paiz, e n'esse caso Vossa Magestade comprehendeu que a auctoridade teria de cumprir rigorosamente o seu dever. A minoria do conselho julgando impossivel o desacato, não tinha que preoccupar-se com isso.

El-rei ficou-se a meditar, e depois de alguns momentos, redarguiu:

— Acceito o conselho. Por muito improvavel que seja a desattenção, desde que é possivel é melhor não lhe dar pretextos. Depois, *é sempre uma questão entre filhos meus, legitimos e adoptivos*. A intervenção da auctoridade não se sabe onde chegaria n'um ajuntamento d'aquelles. Meu filho mais velho tem de ser rei de Portugal; não desejo que encontre na corôa real ou nos arminhos do seu manto uma só mancha de sangue portuguez.

Assim el-rei sentia e assim fallava. Se uma gôta só de sangue tivesse caido sobre o principe real n'aquella festa de caridade, nunca el-rei se perdoaria a sua condescendencia.

De facto o sr. D. Carlos I sobe ao throno de seus maiores, sem ter visto, no longo reinado de seu pae, senão magnanimidade, celemencia, caridade, tolerancia e liberdade. A paz de Numa, ainda mais que a de Octavio, fertilizou em 28 annos este paiz e o approximou dos que mais distaneiados iam na vanguarda da civilisação e do progresso.

Elle viu destruir os patibulos, amenizar as prisões, humanisar as leis, consolidar e liberalizar a constituição, reformar os costumes, abrir mercados, melhorar a agricultura, crear e alentar as industrias, sanear as cidades, soccorrer os desvalidos creando e multiplicando albergues, asylos, quantos institutos de caridade! a cuja creação e administração presidio o rei e a rainha.

Distribuiu premios ao valor e ao merito, animou e alentou as letras de que era eximio cultor, acabou de curar as feridas feitas nas guerras civis e que a nação mostrava ainda gotejantes ao seu advento ao throno; protegeu as artes, acabou com a escravatura, viu extinguir de vez os bandos de malfeitores que ainda faziam tremer algumas provincias de Portugal, transmittiu a seus filhos a educação primorosa que recebeu de sua mãe—a grande senhora,—resistiu a offerecimentos que lisongeariam e tentariam as mais austeras abnegações, protegeu o reino contra a invasão da peste, que tanta vez a assediou, libertou a imprensa, assegurou a liberdade de consciencia, caminhou, até onde lhe foi possivel, na abolição de monopolios, foi tratado com a distincção e a estima que merecia pelos monarchas e povos estrangeiros, sendo sempre o enlevo dos seus representantes; onde ia, quer no reino quer fóra d'elle, era sempre o bem vindo achando-se em toda a parte coberto de benção e cercado de affectos. A sua grande illustração acompanhou-lhe as variadissimas aptidões. Rei d'um paiz livre, quiz sempre augmentar-lhe as franquias; cidadão d'um povo nobre, quiz sempre illustrar-lhe as tradições.

Teve desgostos no seu reinado; teve; nunca os memorou e se os recordava era para os perdoar.

Nunca entregou os nossos pleitos á arbitragem das nações que não saisse victoriosa a justiça por que pleiteava.

A conferencia de Berlim e as questões do padroado trouxeram-lhe magoas e tristezas que nem o rei nem o reino mereciam.

Todo o quadro tem sombras; e nem sempre a stricta justiça é apanagio das nações poderosas; menos ainda o é d'ambições interesseiras e insoffridas.

Ainda existe no mundo um grande desiquilibrio de forças, quer assentem sobre exercitos e armadas, quer sobre a subjeição das consciencias.

O sr. D. Luiz I houve razão d'umas e começou de vêr o castigo d'outras; castigo providencial, que o senhor D. Carlos I continuará presenciando.

Não que o senhor D. Luiz o desejasse, que nunca uma ruim vontade entrou no seu coração magnanimo; mas ha uma justiça indeffectivel, que é a providencia dos aggravados.

— Deus dê descanco eterno ao rei finado, e bençãos, paz e gloria ao novo rei.

FORMULARIO

A folha official publica o seguinte decreto:

Sendo indispensavel estabelecer o formulario, com que durante o meu reinado devem ser expedidos os diplomas e actos do governo, e das auctoridades, que mandam em nome do Rei: hei por bem, tendo em vista o disposto na carta constitucional da monarchia, decretar o seguinte:

1.° A promulgação das leis será feita com esta fórmula: «Dom Carlos, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte: (A integra da lei nas suas disposições).

«Mandâmos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que o cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

«O ministro e secretario d'estado (o da repartição competente) a faça imprimir, publicar e correr. Dada, etc.»

2.° A formula das cartas patentes, e de quaesquer outros diplomas do governo, ou cartas e titulos dos tribunaes, que se costumam expedir em nome expresso do Rei, será: «Dom Carlos, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc.»

3.° A formula dos alvarás será: «Eu El-Rei faço saber».

4.° As cartas regias para subditos portuguezes dirão no logar competente: «Eu El-Rei». Para estrangeiros dirão: «Eu El-Rei de Portugal e dos Algarves, etc.».

5.° Os decretos terão a formula ordinaria: Hei por bem».

6.° As portarias do governo terão esta formula: «Manda Sua Magestade El-Rei, pela secretaria d'estado dos negocios, etc.».

Nas portarias expedidas pelos tribunaes nos casos do estylo a formula será: «Manda Sua Magestade El-Rei, pelo tribunal, etc.».

7.° As supplicas, officios e mais papeis, que me forem dirigidos, ou immediatamente ou pelos tribunaes, empregarão o tratamento de Magestade, e principiarão dizendo: «Senhor.»

A direcção externa será: «A Sua Magestade El-rei».

Toda a correspondencia official deve ser expedida sob a fórmula: «Serviço Nacional e Real».

Os ministros e secretarios d'estado de todas as repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 19 de outubro de 1889.=EL-REI=*José Luciano de Castro.* = *Francisco Antonio da Veiga Beirão* = *Henrique de Barros Gomes* = *José Joaquim de Castro* = *Frederico Ressano Garcia*—*Eduardo José Coelho.*

CARTA DE LISBOA

24 de outubro de 1889.

A decoração da egreja dos Jeronymos completou-se ante-hontem. E' artistica, e respeitou a architectura do templo. Ao centro da capella-mór armou-se um docel forrado de velludo preto e ouro, debaixo do qual se ergueu o catafalco, onde descança a urna que encerra os restos mortaes d'el-rei D. Luiz. A urna foi collocada n'um plano muito inclinado, de modo que o cadaver parece estar quasi de pé e vê-se perfeitamente de toda a egreja. O catafalco é ladeado de tocheiros. Estão velando junto do athaúde, além da côrte, officiaes de caçadores 5, bombeiros voluntarios d'Ajuda, e alguns alumnos da Casa-Pia, com tochas accesas. Do lado do evangelho foram armadas duas tribunas, uma para as pessoas reaes e a outra para as damas e ajudantes de ordens. No cruzeiro ha tambem duas tribunas, uma para o corpo diplomatico e outra para os pares do reino e varios dignitarios.

Ao meio dia d'ante-hontem chegou á egreja S. M. a Rainha D. Maria Pia, acompanhada pelo sr. infante D. Affonso. Encaminharam-se ambos até junto da urna funeraria, onde se conservaram algum tempo orando e em seguida foram para a tribuna. O prior de Santa Maria de Belem celebrou missa no altar-mór. Quasi ao findar a missa, a Rainha fallou com seu filho e elle foi postar-se junto do cadaver de seu pae, onde esteve até á hora e meia, em que se retirou com a Rainha. Durante a manhã rezaram-se muitas missas nos altares lateraes da egreja, que tambem estão armados de velludo preto e ouro, desnudados. O corpo da egreja é guarnecido com filas de tocheiros. A egreja tem estado sempre cheia de gente. Quando entrou a Rainha, muitos assistentes commoveram-se e choraram. A Rainha chorou tambem.

Em Cascaes, na occasião em que a commissão delegada dos habitantes da villa foi depôr a corôa por elles offerecida, um amador photographou o grupo. Manuel Bordallo tirou um *croquis* da camara ardente e da cabeça d'el-rei.

A sr.ª D. Maria Pia despojou-se de todos os aneis que usava, passando agora a trazer unicamente o que el-rei tinha no dedo quando falleceu. E' uma pequena alliança de ouro com um solitario.

Os alumnos do real collegio militar pediram licença ao seu director para velarem o regio cadaver e para o acompanharem, debaixo de fórma, no transito de Belem para S. Vicente.

O alto clero do paiz irá todo a Lisboa assistir aos funeraes d'el-rei. Os commandantes das quatro divisões militares tambem já pediram licença para o mesmo fim.

Parece que todas as corporações civis que tencionam encorporar-se no cortejo funebre, dos Jeronymos para S. Vicente, acompanharão o prestito a pé.

A convite do general commandante da 1.ª divisão, os officiaes da guarnição de Lisboa irão opportunamente manifestar o seu pezame a Sua Magestade a Rainha viuva.

De ordem d'el-rei o sr. D. Carlos, foi estabelecido um serviço de carruagens da casa real, para transportar a suas casas os officiaes que durante a noite tenham de velar o cadaver do sr. D. Luiz I.

Os officiaes do regimento de caçadores, de que el-rei era coronel honorario, sollicitaram e obtiveram a permissão de velarem o cadaver do sr. D. Luiz no templo dos Jeronymos. Para isso formou-se uma lista independente da dos officiaes que por dever do cargo teem de desempenhar esse piedoso serviço.

O *Standard* recebeu de Roma noticia de que, em consequencia do lutuoso acontecimento que se deu em Portugal, a vizita dos imperadores da Allemanha a Monza conservaria um caracter ainda mais strictamente privado do que o que se combinára. O projecto d'uma caçada no parque e de uma excursão no lago de Como seria posto de parte.

O Porto, Coimbra, Aveiro e outras cidades do reino, far-se-hão representar no funeral por vereadores das suas camaras municipaes e representantes seus. O senado portuense deporá uma corôa sobre o athaúde.

O sr. ministro da marinha vae mandar collocar na corveta *Bartholomeu Dias*, que o sr. D. Luiz commandou de 1858 a 1861, uma placa de bronze, em que singelamente se memore a dedicação do principe pelos progressos e glorias da marinha portugueza.

No ministerio dos estrangeiros continuam a ser recebidos telegrammas de diversos pontos da Europa e America consignando votos de profundo sentimento pela morte de S. M. El-Rei.

Veem a Lisboa todos os generaes commandantes das divisões militares e e officialidade dos corpos de artilheria e cavallaria.

Até agora já estão depostas 52 corôas sobre o athaúde d'El-Rei D. Luiz, mas espera-se que o numero cresça.

A guarda de honra ao templo de Santa Maria de Belem, emquanto alli estiver o cadaver de El-Rei o Sr. D. Luiz I, será feita em cada dia por um regimento de infanteria da guarnição de Lisboa.

O collar do Tosão d'Oiro que El-Rei D. Luiz tinha, fôra-lhe concedido pela rainha Izabel, em 28 de novembro de 1861.

Quando D. Luiz era ainda infante, conta-se que se dera um facto, o qual seria proprio, n'outros tempos menos positivos, para alimentar superstições e crenças propheticas: Foi na manhã do dia 27 de novembro de 1847. Chegada a hora da lição da latinidade, de que era professor no paço, Francisco Antonio Martins Basto, o sr. D. Pedro V entrou na sala de estudo com ar preoccupado e triste. Vendo-o tão abstrahido e triste, e com uma profunda expressão de melancholia, o professor perguntou-lhe se soffria, ou se alguma coisa lhe dava cuidado. D. Pedro respondeu-lhe:

«Sonhei esta noite que uma aguia se levantava ás nuvens, e que, lançando-me da maior altura, fez com que me despedaçasse, cahindo eu sobre a terra, e subindo ao mesmo logar, onde me levantára, o meu mano Luiz. Terrivel pesadello foi este. Parece-me que ainda sinto a queda».

A imprensa estrangeira sem excepção de paiz continua a escrever do Rei fallecido com notavel elevação. Do *Figaro* são as seguintes linhas:

«O rei D. Luiz morreu muito cedo para a coroação da sua obra favorita, (refere-se á Avenida da Liberdade): mas, se nunca se elevar um monumento á sua memoria, na rotunda que precede os futuros jardins Elyseos, eu queria que se gravasse esta inscripção que divergirá do estylo de epitaphio já muito usado.

Ao rei muito bom, muito humano e muito justo, que não quiz que uma só gotta de sangue dos subditos corresse no seu reinado.»

O luto em Inglaterra é de quatro semanas.

O primeiro a inscrever-se na embaixada portugueza em Paris logo que alli se soube da morte do sr. D. Luiz foi o general Toulga da parte de mr. Carnot. Depois inscreveram-se todos os ministros, seguindo-se-lhe os homens mais notaveis de Paris tanto da alta politica como da finança e do commercio.

Na grande capital de França celebrar-se-hão exequias pelo fallecido Rei de Portugal.

Estiveram nos Jeronymos os bispos de Coimbra e do Porto. Este ultimo tem dito missa.

Na egreja dos Jeronymos e em todas as ruas de Belem, contam-se as pessoas que não trajam de luto carregado,

— A seguinte é a lista dos diversos ministerios, enumerados com os respectivos presidentes, que geriram os negocios publicos durante o reinado do defunto rei.

São os seguintes:

Marquez de Loulé—De 4 de julho de 1860 a 12 de setembro de 1862.

Visconde de Sá da Bandeira—de 12 de setembro de 1862 a 6 de outubro do mesmo anno.

Duque de Loulé—de 6 de outubro de 1862 a 17 de abril de 1865.

Marquez de Sá da Bandeira—De 17 de abril de 1865 a 4 de setembro do mesmo anno.

Joaquim Antonio de Aguiar—De 4 de setembro de 1861 a 4 de janeiro de 1868.

Conde de Avila—De 4 de janeiro de 1868 a 22 de julho do mesmo anno.

Marquez de Sá da Bandeira—De 22 de julho de 1868 a 11 de agosto de 1869.

Duque de Loulé—De 11 de agosto de 1869 a 19 de maio de 1870.

Duque de Saldanha—De 19 de maio de 1870 a 29 de agosto do mesmo anno.

Marquez de Sá da Bandeira—De 29 de agosto de 1870 a 29 de outubro do mesmo anno.

Marquez de Avila e de Bolama—De 29 de outubro de 1870 a 13 de setembro de 1871.

Fontes Pereira de Mello — De 13 de setembro de 1871 a 5 de março de 1877.

Marquez de Avila e de Bolama — 5 de março de 1877 a 29 de janeiro de 1878.

Fontes Pereira de Mello—De 29 de janeiro de 1878 a 1 de junho de 1879.

Anselmo Braamcamp—De 1 de junho de 1879 a 25 de março de 1881.

Antonio Rodrigues Sampaio—De 25 de março de 1881 a 14 de novembro do mesmo anno.

Fontes Pereira de Mello—De 14 de novembro de 1881 a 24 de outubro de 1883.

Fontes Pereira de Mello—De 24 de outubro de 1883 a 20 de fevereiro de 1886.

José Luciano de Castro—De 20 de fevereiro de 1886.

Eis egualmente a lista dos cavalheiros que foram ministros durante o reinado de D. Luiz:

Adriano de Abreu Cardoso Machado, Alberto Antonio de Moraes Carvalho, Anselmo Braamcamp, Antonio Augusto de Aguiar, Antonio Cardoso Avelino, D. Antonio da Costa Sousa Macedo, Antonio Forencio de Sousa Pinto, Antonio José de Barros e Sá, Antonio Maria do Couto Monteiro, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, Antonio Pequito Seixas de Andrade, Antonio Rodrigues Sampaio, Antonio de Serpa Pimentel, Augusto Cezar Barjona de Freitas, Augusto Saraiva de Carvalho, Belchior José Garcez, bispo de Bethsaida (Ayres de Gouveia), bispo de Vizeu (Alves Martins), Caetano Pereira Sanches de Castro, Carlos Bento da Silva, conde de Magalhães, conde de Samodães, conde de S. Januario, conde de Valbom, duque d'Avila e de Bolama, Eduardo José Coelho, Emilio Julio Navarro, Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, Francisco Antonio da Veiga Beirão, Frederico Ressano Garcia, Gaspar Pereira da Silva, Henrique de Barros Gomes, Henrique de Macedo Pereira Coutinho, Jayme Constantino de Freitas Moniz, João de Andrade Corvo, João Chrysostomo de Abreu e Souza, João Gualberto de Barros e Cunha, João José de Mendonça Cortez, José Dias Ferreira, José Gerardo Ferreira Passos, José Joaquim de Castro, José Luciano de Castro Pereira Côrte Real, José Maria Latino Coelho, José Maria de Magalhães, José Maria de Moraes Rego, José de Mello Gouveia. José Rodrigues Coelho do Amaral, José de Sande Magalhães Mexia Salema, José da Silva Mendes Leal Junior, José Vicente Barbosa du Bocage, Julio Marques de Vilhena, Lopo Vaz de Sampaio e Mello, Lourenço Antonio de Carvalho, marquez de Angeja, marquez de Sabugosa, Mathias de Carvalho e Vasconcellos, Miguel Martins de Antas, Sebastião do Conto e Castro Mascarenhas, Sebastião Lopes Calheiros de Menezes, Salvador de Oliveira Pinto da França, Thiago Augusto Velloso e Horta, Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira, visconde de Chanceller os e da Praia Grande de Macau.

As camaras durante o reinado do sr. D. Luiz foram dissolvidas dez vezes. O numero das prorogações é muito grande, superior a setenta.

— O *Commercio de Portugal* suggere a ideia de se erguer um monumento a El-Rei D. Luiz. Preferiria um hospital construido no bairro operario, que o finado monarcha havia escolhido e segundo o plano para o qual fizera estudos importantes; mas, considerando inexequivel essa ideia, por demandar muitos capitaes, lembra uma estatua que é a suprema homenagem publica á memoria dos homens illustres. Entende que o projecto deve ser tomado em consideração pelos altos poderes do Estado.

— Sobre eleições ha o seguinte:

Fazendo as contas aos resultados conhecidos estão eleitos 99 progressistas, tendo de repetir-se a eleição de Vouzella por onde foi eleito o sr. Luiz Bandeira, que é forçado a preferir o circulo plurinominal do Funchal. Os regeneradores eleitos são 23, os esquerdistas 9, os do porto-franco 3, e os republicanos 2. Entre os deputados eleitos ha 31 que não fizeram parte da camara transacta; d'esses, 21 pertencem á maioria, 5 são regeneradores, 2 esquerdistas, 2 republicanos, e 1 do porto-franco. Os progressistas novos são os srs. Furtado Dantas, Gaspar Queiroz, Ferreira de Magalhães, José Dias Gallas, Oliveira Monteiro, Joaquim A. Gonçalves, Henrique Kendall, Alexandre Cabral, Ferreira Augusto, Barbosa Sotto-Maior, dr. Alberto, Felisberto Dias Costa, José Paulo Cancella, Cerveira d'Albuquerque, Furtado de Mello, dr. Pitta, D. João Alarcão, Mathias Nunes, Oriol de Lima, Corrêa de Barros, Barros e Cunha, Ignacio Franco, Motta Gomes, Eusebio Nunes, dr. Tierno, Camara Manuel, Catanho Menezes. Os regeneradores são os srs. Jeronymo Pimentel, Luciano Monteiro, Albino Figueiredo, Rosa Araujo, Costa Pinto. Os esquerdistas são os srs. Virgilio Inglez e Calça e Pina. Os republicanos são os srs. Rodrigues de Freitas e Latino Coelho. O do porto franco é o sr. Franco Frazão. De todos estes, 25 veem pela primeira vez á camara. Da antiga maioria não foram eleitos até agora os srs.: Rodrigues de Carvalho, Barros de Mattos, Silva Cordeiro, João Dias Gallas, Oliveira Pacheco, Soares de Moura, Cardoso Valente, Antonio Candido, Correia Leal, Antonio Maria de Carvalho, Almeida e Brito, Oliveira Mattos, Joaquim Maria Leite, Antonio Ennes, Lucena e Faro, Vicente Monteiro, Barbosa Colen, Jorge O'Neill, Eduardo Abreu, Simões Dias, Campos Valdez, Ribeiro Ferreira, Henrique de Sá Nogueira, D. Fernando Linhares, visconde de Monsaraz, D. José de Saldanha, Marianno Presado, Manuel José Pina, e Feliciano Teixeira. Deve contar-se que entre estes cavalheiros, está o sr. Rodrigues de Carvalho, que foi nomeado par do reino, e tambem se encontram Campos Valdez e Soares de Moura, que falleceram. Da opposição não foram reeleitos os srs. José Guilherme Pacheco, Augusto Pimentel, Jalles, João Pinto dos Santos, Fidelio de Freitas, Marçal Pacheco, Consiglier Pedroso, Elias Garcia e Ferreira Freire. Estas notas são feitas segundo as informações que se reputam officiaes.

— Falleceu em Pariz o sr. Antonio Alves Ferreira, antigo pharmaceutico no Rio de Janeiro, cuja fortuna se calcula em seis mil contos de réis, moeda brazileira. Era natural de Lordello, povoação proxima do Porto. Ignora-se ainda se deixou testamento.

— Falleceu aqui o sr. Victor Jorge de Pina Vidal, coronel d'artilheria.

Y.

CARTA DE VALLE DE BESTEIROS

21 de outubro de 1889.

Continuam as chuvas torrenciaes. Não é facil sair de casa, por que por toda a parte ha agua e lama. O vento é impetuoso e o frio não é menos incommodante. Por isso continuam em grande atrazo as vindimas e as colheitas do milho tornam-se impossiveis. Com as chuvas, muito milho, que estava apanhado, não pode seccar-se e algum, do que ainda estava na terra, tem sido arrastado pela violencia das aguas ou tem apodrecido com a continuação d'estas. Uma verdadeira calamidade.

— Já aqui se tem vendido muito vinho novo, como vulgarmente se diz —*á bica*. Os preços tem variado, mas o mais corrente tem sido o de 1$000 réis o antigo almude do extincto concelho do Carvalhal de Mousar, hoje com a sua séde em Tondella.

— N'este circulo fizeram as eleições muito pacificamente. Não houve a minima opposição, sendo eleito por unanimidade de votos o sr. Oliveira Martins, candidato governamental e escriptor bem conhecido. Em algumas assembleias não compareceu quasi ninguem a votar, sendo a eleição uma simples formalidade.

Consta por aqui, que no circulo de Táboa (districto de Coimbra) ha renhida opposição e como se receava que esta commettesse alguns excessos, foi, de Vizeu, para aquelle circulo alguma tropa, e em maior numero para Midões, onde ha mais fundamentos para taes receios. Até á hora, em que escrevemos, não nos consta, que por lá tenha havido alguma occorrencia digna de nota.

— Foi aqui muito sentida a morte do sr. D. Luiz. Já se falla em se celebrarem exequias em diversas localidades para suffragar a alma do regio finado.

— Apesar do mau tempo, ainda estão algumas familias nos banhos de Caldas de S. Gemil e ainda algumas pessoas para alli tem ido n'este mez. Como os banhos são tomados em casa, não é mister esperar por bom tempo, pois não ha receio de que os banhistas apanhem constipações. Faz, porém, admirar, que ainda algumas familias permaneçam n'uma estancia de banhos, onde não ha estradas nem quasi recursos alguns, tanto alimenticios como medicinaes. S. Gemil é um pequeno logar da freguezia da Lagrosa, concelho de Tondella.

— As obras do caminho de ferro de Santa Comba a Vizeu, tem agora soffrido grande atrazo por causa das chuvas. Se estas assim continuarem, só muito tarde poderá abrir-se aquella linha.

— Talvez por causa do tempo, não tem sido muito prospero o estado sanitario d'este concelho. Felizmente não ha doenças de gravidade.

Por hoje nada mais. *O.*

CARTA DE FOZCOA

24 de outubro de 1889.

Venceu a eleição, como era de esperar, por uma maioria de 1:290 votos, o deputado governamental sr. Bernardo *Homem Machado, filho* do sr. Conde de Caria. As eleições correram placidamente em todas as quatro assembleias d'este concelho, havendo, apenas, na das Mós uma leve altercação que mais tarde descreverei e apresentarei aos leitores. Por hoje limitar-nos-hemos a declarar a votação que os eleitos obtiveram approximadamente nos respectivos circulos d'este districto, endicando tambem o numero total dos votos d'acumullação que cada candidato obteve igualmente em todo o districto. Antes, porém, de principiarmos, é bom saber-se que os nossos vaticinios emquanto á eleição de Figueira de Castello Rodrigo, realisaram-se. José Joaquim de Souza Cavalheiro, era governador civil d'este districto, conhecido pelo nome de Penitenciario, soffreu uma derrota monumental, como abaixo se vê. Em todos os restantes circulos do districto venceu, como tambem prophetisamos, o governo, exceptuando na Guarda por onde sahiu eleito pela minoria o sr. Julio de Vilhena. Parabens, pois, ao governo e ao dignissimo governador civil sr. Joaquim Saraiva d'Oliveira Baptista, pela brilhante e completa victoria alcançada em todo o districto.

Guarda:—(Sabuga), Guarda, Manteigas, Celorico da Beira e Gouveia):

D. João d'Alarcão, 5:700 votos; Simões Ferreira, 5:700; Pereira Carrilho, 5:500; Julio de Vilhena, 5:400.

Pinhel:—(Villa Nova de Fozcôa, Méda e Pinhel):

Bernardo Homem Machado, 2:500 votos.

Figueira de Castello Rodrigo: —(Figueira de Castello Rodrigo e Almeida):

José Mathias Nunes, 1290 votos. (Cavalheiro obteve 616).

Trancozo:—(Trancozo, Aguiar da Beira e Fornos d'Algôdres):

Francisco José Fernandes Vaz, 3:200 votos.

Ceia[s]: —(Ceia).

João Augusto de Pina, 1:300 votos.

O resultado das accumullações no districto é o seguinte: Dantas Baracho, regenerador, 6:508 votos; Luciano Cordeiro, regenerador, 6:195; Guilhermino de Barros, regenerador, 5:476; Amorim Novaes, regenerador, 5:425; Henriques da Silva, esquerdista, 6:010; Sanches de Castro, esquerdista, 4:609; Moraes Carvalho, regenerador, 4:529; Alves Matheus, progressista, 4:800; Pinto de Magalhães, erquerdista, 4:538, Azevedo Castello Branco, regenerador, 90; Serpa Pinto, regenerador, 75; Latino Coelho, 47.

N'este concelho o resultado completo da accumulação foi o seguinte: Moraes Carvalho 271, Amorim Novaes 317, Luciano Cordeiro 215, Alves Matheus 116, Guilhermino de Barros 58, Sanches de Castro 53, Pinto de Magalhães 56 e Dantas Baracho 33.

— Sahiu hoje para Lamego a curar-se d'um carbunculo o sr. Miguel Silvano, pae do infelfz assassinado. O medico continua dando provas da sua incompetencia e desleixo, e a camara não pensa em remediar este estado de coisas de que pódem advir funestas consequencias.

Como dissemos na nossa correspondencia anterior, abriu-se no dia 21 o apeadeiro de Castello Melhor, situado ao kilometro 188 da linha do Douro, entre as estações de Cêa e Almendra. N'este apeadeiro vendem-se bilhetes de todas as classes e são despachadas bagagens e mercadorias de grande e pequena velocidade para todas as estações das linhas do Minho e Douro e vice-versa.

— A camara d'este concelho levantou da Caixa Geral de depositos a quantia de 8375575 réis do juro da quantia depositada até 30 de junho de 1889.

— A esmola que o andador da confraria de Nossa Senhora da Veiga tirou n'esta villa, no domingo, 20 do corrente, desde a egreja até ao términus de S. Miguel, foi de 2:295 reis. No proximo domingo 27 percorrerá todo o bairro do Castello.

— Ainda não regressou o novo juiz de direito d'esta comarca.

— Tem estado fechadas todas as repartições á excepção da repartição de fazenda e recebedoria por serem casas fiscaes.

— O tempo continua refrescando, chovendo de tempos a tempos.

Correspondente.

COMMUNICADOS

Sr. redactor.—Estavamos, como da formosa Ignez diz o nosso grande epico, posto em socego e n'aquelle engano da alma, que a fortuna não deixa durar muito, lamentando que os nossos conterraneos, divididos hoje pela politica, reciprocamente se injuriassem pela imprensa, e na firme intenção de nos conservarmos afastado tanto d'esta lucta, de que sempre julgamos não tirarem uns nem outros proveito algum para os seus fins, e que só dá em resultado tornar conhecidas lá fóra as nossas miserias, como da eleitoral, isto, já porque não escrevemos para jornaes ha muito tempo, juntando-se á nossa natural inhabilidade o desuse, já porque sendo uma pequena auctoridade d'este concelho, entendiamos não dever intrometter-nos n'aquellas luctas, não só porque a lei n'ol-o veda, mas emfim, para conservarmos livre a nossa acção para não compromettermos a justiça, e só ajudando o nosso partido com os nossos bons desejos, quando somos forçado a sahir do nosso proposito, porque um João Ninguem traiçoeira e vilmente nos injuria, dirigindo-nos os maiores insultos sem motivo algum, e, o que é mais de estranhar, tractando-o e estimando-o nós como amigo.

Lemos por acaso no *Districto de Aveiro* de 3 do corrente uma correspondencia de Sever do Vouga, assignada pelo tal *Vigilante*, e ficamos sem saber a quem elle dirigiu tantos insultos, porque, como quem mal não faz, mal não pensa, e não eramos o auctor da correspondencia a que elle respondia, publicada n'este jornal e firmado com as iniciaes F. M. L. que não são nossas, e cujo auctor nem sequer sabemos quem seja, não podiamos julgar de modo algum que aquelles insultos nos fossem dirigidos, e muito mais porque não podiamos esperar tal de um individuo que, como já dissemos, tractavamos como amigo, tendo-lhe ainda na vespera apertado a mão, que elle não teve vergonha de estender-nos, callosa e suja de ter manejado a penna para nos insultar.

Foi preciso que um amigo nos prevenisse de que com aquella lama se pretendia sujar-nos, que aquelle acerbo de insultos era dirigido á nossa humilde pessoa, porque o insultador o havia dito a alguem, jactando-se e vangloriando-se de acção tão *sublime!!* Ficamos pasmado de tanta ousadia, de procedimento tão cobarde, porque ao immerecido do ataque accresce a falsidade da accusação! Não: não somos auctor de nenhuma correspondencia, de nenhum escripto publicado até hoje ácerca da lucta eleitoral travada n'este concelho, nem sabemos, nem presumimos sequer quem sejam os auctores das publicadas nos numeros 3828, 3830 e 3831 d'este jornal, de que só tivemos noticia quando as lemos, porque somos assignantes d'elle.

E' por isso immerecido o ataque que se nos faz. Somos empregado publico desde 1869, epocha em que João Ninguem ninguem era, e desde então até hoje nunca os nossos actos mereceram censura da parte das auctoridades nossas superiores e nem mesmo do publico em geral. E para prova bastará lembrar que ha tres annos se travou n'este concelho, de que eramos o administrador, uma lucta eleitoral egual á d'hoje, e os nossos adversarios publicaram tambem pela imprensa o que lhes veio á cabeça; como partidario fomos comprehendido nos seus ataques, mas nem como auctoridade, nem como particular fomos injuriado por elles; devemos-lhes essa fineza, que agora reconhecemos como tal, porque agora reconhecemos tambem que elles o podiam ter feito, embora injustamente como o faz hoje João Ninguem.

Mas onde estaria então este João Ninguem, que não veio á imprensa vomitar doestos e injurias, como agora faz?! Sciencia para isso não lhe faltava já, e até nos parece dos seus escriptos, em que só avulta a injuria, que d'então para cá pouca adquiriu.

Ah! sim agora nos lembra: João Ninguem era então neophito do partido regenerador. Tinha desertado ha pouco dos arraaes contrarios vendido á sua grande vaidade, ao seu desmedido orgulho pelo preço d'umas mezadas com que podesse alcançar maior gráu, que de degráu lhe servisse para subir á grande altura aonde se diz já levantado, como se vê da sua correspondencia *(gravitar n'uma esphera muito mais elevada ?!!)* e poder assim cingir a fronte com um emblema, que só deve ser concedido á virtude!

Ha muito se lhe reconhece este desejo, esta desmarcada ambição; e é isso mesmo que faz agora passados tres annos de noviciado, estando proximo a subir o tal degráu, julgando opportuna a occasião de se mostrar tal qual é, de fazer figura, vir para a imprensa quebrar lanças por aquelles a quem se vendeu, e como lhe sahissem á frente a corregir-lhe a balofa empafia, enfurrece-se o pobre e no auge da raiva e do desespero por não o deixarem, como uma vez no pulpito, fallar só e sem contradictores, finge-se-lhe vêr n'umas certas iniciaes o nome d'uma pessoa, que nunca lhe fez mal, e sem mais escrupulos, sem attenção pelo seu estado, pela ordem que lhe deram, talvez sem a merecer, elle ahi vai descarregar-lhe um sem numero de parelhas de pontapés para traz.

Vendido! E atreve-se a dizer que gravita n'uma esphera muito mais elevada! Sim, se gravitar n'uma esphera muito mais elevada consiste em injuriar sem mais nem menos, sem motivo algum pessoas que nunca nos fizeram mal, tem razão o *vigilante* João Ninguem, elle gravita muito alto, no setimo Céu talvez, e nós cá muito em baixo, muito!!...

Mentiroso! E atreve-se a chamar-nos mal creado! a nós, que não nascemos nem fomos creado e educado n'essa eschola de depravação onde nasceu e cresceu João Ninguem o *vigilante!*

Miseravel! E atreve-se a chamar-nos corrupto! Tem razão, se a virtude consiste em auimar pobres viuvas, em as acompanhar para que não succumbam no caminho, em lhes dictar mesmo falsas declarações em juizo e debaixo de juramento o *vigilante* João Ninguem é eximio, é virtuosissimo mesmo!

Não mais. Deixemos a aguia, (como elle mesmo se intitula, mas que não é mais do que a gralha da fabula) gravitar na sua elevadissima esphera, não nos incommodaremos mais com ella; póde dizer ou escrever o que quizer, que nem sequer gastaremos mais tempo a lêr as suas baboseiras, não lhe arranquemos mais pennas para que não fique de todo depenado e as suas socias que lhe digam como em Phedro:

Contentus nostris si fuissos sedibres,
Et, quod natura dederat, voluisses pati,
Nec illam expertus es.es contumeliam,
Nec hanc repulsam tua sentiret calamitas.

Sever do Vouga, 10 de outubro de 1889.

F. F.

SECÇÃO AGRICOLA

O GESSO NO FABRICO DO VINHO

Tem-se estudado ultimamente a maneira de abolir a pratica da gessagem, e procuram-se outros ingredientes, dos quaes se obtenham os mesmos effeitos uteis, sem os inconvenientes, que tem provocado certas medidas hygienicas contra os vinhos gessados.

Se é certo, como aqui temos dito, que os hygienistas e a pratica vinicola de longos annos sustentam qum um vinho contendo 2 grammas por litro de sulfato de potassio não é prejudicial á saude, a verdade é que nem todos os consumidores recebem bem os vinhos tratados com gesso.

Por isso, se procuram outras substancias que satisfaçam aos fins, que se teem em vista com a gessagem, havendo-se emprehendido no meio-dia da França experiencias muito interessantes com o phasphato de calcio em substituição do gesso, das quaes se conclue:

1.° Que o phosphato augmenta muito sensivelmente a riqueza alcoolica do vinho;

2.° Que o uso d'esta substancia tem a vantagem de enriquecer o vinho com um dos elementos nutritivos mais importantes para a economia animal, emquanto que o gesso tem o inconveniente de o diminuir em parte;

3.° Que a acidez augmenta tanto nos vinhos phosphatados como nos gessados, e muitas vezes mais n'aquelles do que n'estes;

4.° Que o peso d'extracto secco nos vinhos muito phosphatados é superior ao que accusam os mesmo vinhos naturaes;

5.° Que a côr dos vinhos phosphatados é sempre superior á que mostram os mesmos vinhos naturaes;

6.° Que a maior parte dos viticultores acha superior em gosto os vinhos phosphatados em comparação com os vinhos gessados;

7.° Finalmente, (e esta conclusão é muito importante pelo lado commercial) que os vinhos phosphatados não dão, como os naturaes, precipitado com os saes de bario, sendo necessario uma analyse muito delicada para reconhecer a presença do phosphato, sem que, todavia, a presença d'este elemento no vinho possa tornal-o, de modo algum, prejudicial como alimento.

Mr. Hugoneng, que fez muitas experiencias no Herault, diz que bastam 350 grammas de phosphato de calcio para o fabrico de um hectolitro de uva pisada.

Por outra parte, Mr. Bouffard, professor da escola de Montpellier, n'um recente trabalho sobre os meios de substituir a gessagem, diz «que não é chegado ainda o momento, apesar d'algumas vantagens colhidas das experiencias com o phosphato de calcio, acido tartarico e saes ammoniacaes, de abandonar a pratica da gessagem, que tantos e tão incontestaveis serviços tem prestado á viticultura meridional. No emtanto, parece util modificar esta pratica misturando acido, tartarico ao gesso.»

E' bem sabido que a escola de Montpellier emprehendeu ultimamente uma forte campanha em favor da gessagem e tem feito todos os esforços para justificar esta velha pratica dos vinicultores do meio-dia da França, no momento em que o governo francez estava disposto a prohibil-a. E é em resultado d'esta campanha, apoiada na tradição, que a circular ministerial que prohibia a venda do vinho com mais de 2 grammas de sulfato de potassio por litro, terá ainda de ser suspensa.

Apesar de tudo, é para desejar que outros meios venham substituir a gessagem, porque um vinho com gesso é considerado sofisticado e suspeito á hygiene de muitos consumidores.

A. e B.

SECÇÃO LITTERARIA

DOR

No meio da rua, larga e concorrida, um homem, um desgraçado, saltava funambulescamente em gestos descompostos, e agitava n'uma das mãos um pandeiro com que acompanhava a musica estafada d'um velho realejo, cuja manivella se movia ronceiramente sob os dedos magros d'uma mulher. Esta mulher d'entre cujos cabellos aloirados despontavam já algumas cãs, tinha sobre o realejo uma cesta, onde, envolta em audrajos, vagia uma creança de poucos mezes ainda. A' roda da pequenita, em vez das rendas finas que lhe deviam as carnes delicadas, amontoavam-se confusamente bollas, facas, arcos, emfim, todos os apparelhos com que o pae exhibia a sua destreza—e a sua miseria.

A espaços o realejo callava-se, a mão da desventurada mãe subia até ao *berço* do filho, enxutava-lhe brandamente as moscas, tirava do cesto o objecto pedido pelo marido, e depois calhia lentamente, até encontrar de novo a manivella que proseguia sempre indifferente e ronceira. Attrahida pelos gestos e saltos do funambulo, a gente que passava detia-se a ver este espectaculo, de todas as farças a mais triste, porque, emquanto a amargura dilacera ao pobre saltibanco o coração e lh'o afoga em lagrimas de dôr a necessidade abre-lhe a bocca e escancara-lhe a gargalhada alvar, para lhe afogar no riso a fome que o devora. Co traste fatal! Ter de guardar o pranto que a dôr traz aos olhos, e de mostrar o riso que a mesma dôr traz aos olhos, e de mostrar o riso que a mesma dôr nega ao coração! Era já consideravel a multidão que se agrupava em volta do artista. Subitamente, o realejo cessou de tocar. O funambulo parou tambem: depoz no chão os arcos que fizera girar no ar em variados jogos malabares, e dirigiu-se para o cesto. Levantou levemente o panno que o cobria e tirou de dentro umas facas. Deixou cahir novamente sobre a criança o panno que a defendia do calor, e, dando alguns passos á frente, dispoz-se a trabalhar.

Quem n'este momento descobrisse a cabecita da criança, ver-lhe-ia no rosto uma gotta d'agua, tremula como uma illusão... O que, porém, ninguem diria, era se essa gotta que lhe tremulava na face, è que o infeliz pae ao abaixar-se lhe deixárq cahir, era do suor que lhe innundava o rosto, se uma lagrima que lhe fugira dos olhos... Proseguiu o artista os seus trabalhos, e no fim, quando o cansaço o invadira completamente, tomou das mãos da mulher uma bandeja que esta lhe estendeu, e, percorrendo com ella a roda de gente que lhe assistira aos exercicios, começou a recolher as esmolas da caridade publica. Restituiu depois a bandeja á mulher cujos olhos faiscavam de contentamento a cada moeda que cahia. Tomou do chão as facas e metteu-as no cesto onde repousava a creança. Iam ter emfim com que lhe matar a fome n'aquelle dia! Que alegria a dos dois, quando, ao contar o que tinham recebido acharam quatro vintens! Rir-se-ha alguem d'este prazer. E' porque ainda não experimentou o que é luctar desesperadamente pela existencia, não só sua, mas de alguem que lhe resume as affeições e que lhe traz no meio dos martyrios da gratidão e do sorriso, ou a esmola d'uma lagrima. Depois de bem guardada a esmola, a mãe tomou nos braços a creança e o pae levou o realejo. Pozeram-se a caminho, mais alegres já, quasi felizes...

— Agora, dizia o pae, emquanto tu descanças ahi um pouco, eu vou alli comprar leite para dar ao pequenino.

— Pois sim, mas vae depressa, coitadinho, deve ter fome. Está agora tão quietinho... Dizendo isto, a feliz mulher depoz um beijo no fronte do filho.

Não retirara ainda os labios, palpitantes de amor, quando subitamente se transfigurou. Os olhos abriram-se-lhe desmezuradamente, a respiração ficou-lhe suspensa, as faces empallideceram-se-lhe, e da garganta fugiu-lhe um grito dilacerante e agudo: grito que resumia a immensa desventura que lhe ia n'alma, e a dôr que lhe estalava o seio. Tremula percorreu o corpo da creança passou-lhe a mão pela testa: estava gelada. Chamou, sorriu, chorou. Tudo inutil! Ainda assim, não queria crêr. Esperou anciada a volta do marido. Cada minuto lhe parecia um seculo.

Finalmente, chegou o pae alegre, com o leite para o filho beber... Vendo as feições mudadas da desgraçada, approximou-se ancioso e perguntou a causa do que acontecia. Ella quiz responder, mas a voz seccou-se-lhe na garganta. Lançou sobre o filho um olhar, mixto inexplicavel de dôr e de esperança, e ficou immovel, sem poder articular uma palavra. O pae abeirou-se do filho e olhou-o. Empallideceu medonhamente, começou a tremer, e disse para a mulher: «está morto!»

Se na linguagem humana houvesse palavras capazes de exprimir a dôr e o desespero que encerrava o silencio dos dois n'esta conjectura afflictiva tentaria descrevel-os. Mas é impossivel. As grandes dôres como as grandes alegrias, não se descrevem, comprehendem-se.

Arna.

O MILAGRE

I

N'aquelle tempo jornadeava eu a pé nas montanhas do Tyrol, um sacco ao hombro, um bordão na dextra.

Se um burguez, perdido n'essas solidões bravias, me encontrasse á tarde, ao fundo de uma das veredas que atravessam os rochedos em zig-zag, ou n'um dos pinhaes cerrados que só as corujas povoam, seguramente daria ás de Villa Diogo, tão inquietadora devia ser a minha phisionomia, crestada pelo sol, curtida pelas ventanias e emmoldurada de cabellos crescidos e incultos! Mas se o meu aspecto de vagabundo, tinha o dom de inquietar os homens, em compensação não conseguia assustar os lagartos de cabeça achatada, estiraçados ao sol sobre as rochas, nem a passarada palradora, nem as borboletas tremulas: os animaes adivinhavam-me inoffensivo; esquilo negro de cauda recurva, olhava-me curiosamente, tranquillamente, e, sem que os gorgeios se interrompessem, eu acercava-me dos rochedos solitarios, sobre que o rouxinol mysterioso dos Alpes, sonoros a crystalinos, repercutidos ao longe no silencio das montanhas.

II

Um dia, depois de uma caminhada de muitas horas pelas geleiras, por encostas cobertas de neve, por leitos de riachos coalhados, cheguei, alegre e fresco, sem vestigios de fadiga, a uma aldeia edificada á beira de um lago: soava n'esse momento meio dia no campanario da ermida em cujo topo um gallo de ferro batia as azas a cada badalada. Tinha um aspecto de frescura a pousada, com o seu caramanchão coberto de trepadeiras, a fachada engrinaldada de heras e rosas brancas. Almocei ao ar livre, na beira do rio de aguas tranquillas e transparentes, em que brilhava o aço das trutas.

Depois subi até ao alto da collina, onde assentava a egrejita branca.

Vista de fóra nada offerecia de interessante. Por ventura a egreja primitiva haveria desabado de velha, e sobre os seus escombros fóra edificada aquella ermida pesada, quasi quadrada; era apenas uma casa espaçosa em que se dizia missa; só o campanario dava ideia de um edificio religioso.

Em volta estendia-se o cemiterio semeado de roseiras bravas, de salgueiros, de cruzitas de madeira, e campas modestas.

Era triste e bonito o cemiterio, os cadaveres deviam alli dormir serenamente, acariciados pela luz, na meia sombra dos ramos floridos. Colhi uma flôr ao pé de uma cova recente e entrei na ermida, preoccupando, quasi triste, scismando nos mortos.

III

Uma só coisa havia lá dentro digna de prender a attenção d'um artista—uma obra prima. Quem fôra o auctor inspirado d'esse admiravel alto relevo, reliquia, evidentemente, salva das ruinas da egreja soterrada? Collocado no topo do altar-mór, os seus dourados apenas mordidos pelo tempo, as suas roupagens de azul e purpura, ainda vivas, apesar da poeira que as cobria, brilhavam á luz. Na frente dos quatro Evangelistas, vestidos de amplas tunicas escarlates, encimado por cabeças de cherubins, via-se o Homem-Deus, coroado de pedrarias similhantes a um imperador, sentado n'um throno de oiro, meio occulto entre nuvens; de joelhos aos seus pés, coberta com um manto azul que descia em ondas até ás suas sandalias bordadas, a Virgem estendia os braços supplicantes para o Salvador, mas voltando os olhos, em que brilhavam duas lagrimas que eram duas perolas, para o mundo, para nós. A palavra não saberia descrever a expressão de melancholica e ardente misericordia d'esse olhar divino! Para talhar em madeira, para vestir assim os evangelistas e o Homem-Deus, tão vivos na sua magestosa bonhomia, seria necessaria a mão de um artista, guiada por uma alma candida, saturada da fé dos velhos tempos.

Mas quanta compaixão pelos desgraçados, quanto amor pelos que soffrem, deveria haver sentir esse artista para que o olhar da Virgem dissesse tanto!

IV

Por muito tempo fiquei esquecido na contemplação d'esse quadro elegante e sublime, absorto, enternecido, sentindo penetrar na minha alma alguma coisa da fé ingenua que sobrevivera ao desconhecido artista na sua obra.

Seria eu o peccador para quem Maria implorava a clemencia divina? Loucura, puerilidade! mas que importa? Poeta enamorado da vã belleza dos seres e das coisas, julguei por momentos tos que era para mim que se volvia o seu olhar; e, como ella, estendi as mãos supplices para o Juiz Supremo...

Durante uma hora evadiu-me toda a crença religiosa e apaixonada dos velhos monges, esperando ver um gesto de perdão do Homem-Deus. E na minha crença, pedia convicto essa prova da omnipotencia. Deus não podia recusar o milagre que dissiparia as minhas duvidas.

V

Decorreu uma hora, mais de uma hora talvez. O braço da imagem não se movia e eu esperava sempre.

N'este momento despertou-me um ruido estranho. Um moscardo zumbia em torno de mim, brilhando a um raio de sol. Ergui-me então, affastei os ultimos vapores do sonho... Visionario! imbecil! Eu fôra tudo isso.

Lancei um derradeiro olhar ao magnifico alto relevo, e encaminhei-me para a porta, sorrindo d'aquella creancisse piegas.

PARA OS POBRES

Li estas palavras n'uma caixinha preta n'uma columna.

Quiz lançar pela abertura do mealheiro uma esmola, mas a moeda de prata, em vez de entrar, escorregou entre os meus dedos, cahiu no lagedo e foi rolando até meio da ermida. Corri após ella. Ao levantar-me, achei-me frente a frente de uma capella que não vira ainda. Encimava o altar uma tela tosca e velha, que representava o Christo rodeado de escribas e phariseus: nas mãos do Christo via-se esta inscripção traçada sobre um pergaminho aberto:

«Porque pedes provas, geração descrente? Essas provas não te serão dadas nunca...»

Senti-me estremecer até ao mais fundo de todo o meu ser, e affastei-me pensativo.

Desde então tenho scismado muitas vezes na resposta dada pelo acaso (se é que existe o acaso...) no dia em que implorei um milagre na egrejita de S. Wolfgang...

Catulle Mendés.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 21

Decreto estabelecendo os formularios dos diplomas.

Mappa dos valores dos espolios sob a administração do consulado portuguez de Pernambuco referido ao mez de dezembro de 1888.

Aviso do vice-consulado portuguez em Juiz de Fora (Brazil) de que tem sob sua administração a casa e espolio de Vicente da Cunha, fallecido ha 15 annos, que consta sor natural de Coura e ter ido para o Brazil em 1850, com doze annos de idade.

Diario de 22

Mappa dos valores dos espolios sob a administração do consulado portuguez da Bahia, referido ao dia 31 de dezembro de 1888.

Diario de 23

Mappa dos valores dos espolios sob a administração do consulado portuguez da Bahia, respeito ao dia 31 de janeiro de 1889.

10

FOLHETIM

A. D'UMAS, FILHO

A DAMA DAS CAMELIAS

IV

Quiz comprar alguma cousa, que lhe pertencesse, e insisti n'esse volume, nem eu sei porque, provavelmente para contrariar um certo sujeito, que teimava em ficar com elle.

Repito, pois, que esse livro está á sua disposição, e peço-lhe de novo que o acceito, para que sirva de estreitar mais as nossas relações amigaveis.

— Pois bem, senhor, disse Armando, estendendo-me a sua mão aberta, e apertando a minha, acceito, e ser-lhe-hei grato toda a minha vida.

Tinha grande vontade de fallar com Armando, a respeito de Margarida, porque a dedicatoria d'aquelle livro, a sua viagem a Paris, o desejo de possuir o volume, tudo picava a minha curiosidade; mas receava interrogal-o, ou antes receava que julgasse que eu tinha recusado o seu dinheiro para me arrogar o direito de saber os seus segredos.

Parecia que elle adivinhava o meu desejo, porque me disse:

— Leu este volume?

— Li-o todo.

— E que julgou das linhas que eu escrevi?

— Julguei que na sua opinião, a pobre donzella a quem offereceu esse livro, saía da cathegoria ordinaria, por que essas linhas certamente não significavam um cumprimento banal.

— E tinha razão, senhor. Aquella infeliz era um anjo. Olhe, disse elle, leia esta carta.

E apresentou-me um papel, que parecia ter sido já lido muitas vezes. Abrio-o, e eis aqui o que continha.

«Meu caro Armando, recebi a tua carta; és ainda o mesmo, bom e compassivo. Deus te abençoe. E' verdade que estou muito doente, e sinto que não resisto ao mal que me vae minando a vida; mas o interesse que mostras por mim diminue muito os meus soffrimentos. Não poderei viver decerto o tempo preciso para apertar a mão, que escreveu esta affectuosa carta, que acabo de ler, e cujas palavras me dariam outra vez a saude, se alguma cousa n'este mundo me podesse curar. Não te verei mais, Armando, porque sinto aproximar-se a morte, e sei a grande distancia, de muitas leguas, que te separa de mim. Pobre amigo! A tua Margarida d'outr'ora está bem mudada! e vale mais que a não tornes a ver do que affligires-te, com o mal sem remedio que a leva á sepultura. Perguntas-me, se te perdôo? De todo o meu coração. Se alguns tormentos me causaste bem sabia que era pelo amor que me tinhas. Ha um mez que não posso sair da cama, e lembro-me tanto de ti, que todos os dias escrevo o diario da minha vida, desde o momento em que nos deixámos até ao momento em que não possa escrever mais. Se o interesse, que ainda mostras por mim é verdadeiro, Armando, quando voltares vae a casa da Julia. Ella te entregará o meu diario. Ahi encontrarás a razão e a desculpa do que se passou entre nós. Julia é muito nossa amiga, e muitas vezes conversamos a teu respeito. Estava aqui quando chegou a tua carta, e chorámos ambas, lendo-a. Se me não tivesses dado noticias tuas, já ella estava encarregada de te mandar estes papeis, quando voltasses da tua viagem. Não me fiques por isso mais obrigado. Esta constante recordação dos unicos *momentos felizes* da minha vida faz-me um bem enorme, e se tu has de encontrar na sua leitura a desculpa do passado, eu encontro, escrevendo-a, o unico allivio d'estas minhas noites solitarias. Queria deixar-te alguma cousa, que te obrigasse a lembrares-te sempre de mim; mas tudo o que tenho está penhorado, e nada me pertence. Comprehendes, meu amigo? Vou morrer, e ouço do meu quarto os paços do guarda, que os meus credores pozeram lá para que não desappareça nada, e nada me fique, se eu ainda voltar á vida. Imagino, porém, que hão de esperar pela minha morte para venderem tudo. Oh! os homens são implacaveis; ou antes, engano-me, Deus é que é justo e inflexivel. Tu, meu querido amigo, has de assistir á venda, e comprar alguma cousa, porque se eu pozesse de lado algum objecto para ti, eram capazes de te accusarem de desvio de valores penhorados. Triste vida que eu deixo! Como Deus seria bom, se permittisse que eu tornasse a ver-te, antes de morrer! Mas, segundo todas as probabilidades, o mais que posso é dizer-te adeus; e perdôa-me se te não escrevo mais, porque me sinto cada vez mais desfallecida.— *Margarida Gautier.*»

Com effeito, estas ultimas palavras eram apenas legiveis.

Entreguei a carta a Armando, que acabava sem duvida de a reler toda no seu pensamento, como eu a tinha lido no papel, porque me disse recebendo-a:

— Quem acreditaria que fosse uma cortezã a mulher que escreveu esta carta!

E profundamente commovido pelas suas recordações, contemplou algum tempo a letra da carta, e beijou-a.

— Quando penso, murmurou elle, que morreu sem eu a ver, e que não posso mais tornar a vêl-a; quando penso que fez por mim o que nenhuma irmã era capaz de fazer, não posso perdoar a mim mesmo tél-a deixado morrer assim. Morta! morta! escrevendo-me, dizendo o meu nome! pobre Margarida!

E Armando, desafogando o sentimento e as lagrimas, estendia-me a sua mão, e continuava:

— Haviam de julgar-me creança, imbecil até, se me vissem lamentar semelhante morta; mas é por que não sabiam o que eu fiz soffrer a essa mulher, como eu fui cruel e duro, e como ella foi compassiva e resignada. Julgava que me pertencia perdoar-lhe; e hoje reputo-me indigno do perdão, que ella me concede. Oh! daria dez annos na minha vida para chorar uma hora a seus pés.

E' sempre difficil consolar uma dôr que se não conhece; e, todavia, sentia-me tomado d'uma viva sympathia por esse mancebo, que tinha a franqueza de me considerar seu confidente na crise amarga por que passava, e disse-lhe, julgando que o meu conselho seria aproveitavel:

— Não tem alguns parentes, ou amigos? Ás vezes o affecto da familia, e a convivencia da amisade, abrandam as mais duras penas.

E' verdade, respondeu elle, levantando-se, e passeando a largos passos no meu quarto. Devo enfastial-o. Desculpe-me. Não reflectia que a minha dôr pouco lhe importava, e que estou a importunal-o com uma cousa, que nada lhe interessa.

— Engana-se no sentido das minhas palavras; eu tenho muita vontade de lhe ser util, mas reconheço a minha insufficiencia para distrail-o da sua dôr. Se a minha companhia e a dos meus amigos contribuir para lhe dar algum allivio, se emfim precisar de mim para qualquer cousa, creia, que tenho todo o prazer em lhe ser agradavel.

— Perdão, perdão, disse-me elle, a dôr exagera as sensações. Deixe-me estar mais alguns minutos ainda, o tempo só de enxugar as lagrimas, para que não vejam na rua um homem a chorar. Deu-me já a grande felicidade de possuir este livro. Não sei como hei de provar-lhe a minha gratidão

— Concedendo-me a sua amisade. disse eu a Armando, e dizendo-me abertamente a causa do seu soffrimento. Consola-se a gente, contando o que soffre.

— Tem razão; mas hoje não posso. Não tenho palavras, que exprimam o que sinto. Um dia, saberá toda esta historia triste, e então verá se eu tenho razão de lamentar a pobre rapariga, que morreu. E agora, acrescentou elle, limpando pela ultima vez as lagrimas, e olhando-se ao espelho, diga-me que não me acha imbecil, quasi ridiculo, e permitta-me que o torne a visitar qualquer dia.

O olhar d'aquelle rapaz era dôce e affectuoso; estive quasi resolvido a abraçal-o.

Começavam de novo a nublar-se-lhe de lagrimas os olhos maguados; viu que o percebia, e voltou o rosto.

— Vamos, coragem, disse-lhe eu.

— Adeus, murmurou elle, abafado.

E fazendo um esforço inaudito para não chorar, fugiu de minha casa, precipitadamente.

Abri a cortina da janella, e vi-o subir para o cabriólé que o esperava *á porta; mas apenas entrou, desatou* a chorar, e escondeu o rosto nas mãos.

V

Passou muito tempo, sem que ouvisse fallar de Armando, mas em compensação fallava-se muitas vezes de Margarida.

Acontece ordinariamente, que o nome d'uma pessoa, que parecia dever ficar-nos desconhecida ou pelo menos indifferente, quando se pronuncie novamente diante de nós, traga sempre um cortejo de factos e circumstancias, pela maior parte ignoradas, que se agrupam em volta d'esse nome, e nos obrigam a consideral-o mais profundamente, como se devéras nos interessasse muito. Descobre-se então que essa pessoa tinha mais relações com o nosso espirito, com o sentimento da nossa alma, e quasi que nos convencemos de que ella tomára uma grande parte na nossa vida, sem que nós o percebessemos; nos acontecimentos, que nos contam, encontramos uma certa egualdade, uma affinidade real com outros factos da nossa propria consciencia.

Não se dava positivamente este phenomeno nas minhas recordações de Margarida, pois que apenas a vira, apenas a encontrara algumas vezes, e não travara com ella nem as mais leves relações de intimidade; todavia, depois da venda do seu espolio, ouvira tantas vezes pronunciar o seu nome, e nas circumstancias referidas no precedente capitulo esse nome combinava-se com um pesar tão verdadeiro e profundo, que o meu espanto augmentava cada vez mais, estimulando todos os dias a minha curiosidade.

Resultava d'isto, que apenas encontrasse algum dos meus amigos, a quem nunca fallara de Margarida, immediatamente lhe disparava esta perpergunta:

— Conheceste uma rapariga que morreu ha pouco, chamada Margarida Gautier?

— A Dama das Camelias?

— Justamente.

— Muito.

E estes: «muito» eram quasi sempre acompanhados de sorrisos, que não deixavam duvida alguma sobre a sua significação.

— Pois bem, que qualidade de rapariga era? continuava eu.

— Uma bella rapariga.

— Mais nada?

— Sim; tinha mais espirito e coração, do que as outras.

— E não sabes alguma cousa especial, a seu respeito?

— Arruinou o barão de G...

— Só?

— Foi amante do duque de...

— Mas sabes que foi sua amante?

— Diziam-n'o; em todo o caso, o duque dava-lhe muito dinheiro.

E sempre estes detalhes geraes.

Todavia, eu tinha uma grande curiosidade de saber circumstanciadamente as relações de Margarida com Armando.

Encontrei, um dia, um d'esses rapazes, que vivem continuamente na intimidade das mulheres mundanas.

Fiz-lhe a mesma pergunta.

— Conheceste Margarida Gautier? respondeu-me egualmente com o «muito» dos outros.

— Que rapariga era?

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

25 DE OUTUBRO DE 1889.

Espera-se que o funeral d'El-Rei seja o mais sumptuoso que Lisboa tem presenciado desde que ha monarchia n'este paiz. E' que o monarcha fallecido possuia qualidades muito excepcionaes: era bom, tratavel, justo, patriota, protector desvelado de quantos infelizes conhecia—era tudo isto como jámais houvera Rei conhecido. Assim o termo dos seus dias a todos affectou, para todos foi profundissimo golpe. O seu funeral deve ser pois um acto imponentissimo. Do estrangeiro veem principes, embaixadores, generaes, commandantes de corpos, representantes d'associações conhecidas, grandes capitalistas—gente emfim de todos os paizes e de todas as classes, e tudo isto significa a alta consideração que o Extincto a todos merecia. Ha de ser uma demonstração geral de sentimento, como jámais se viu.

O prestito organisar-se-ha na seguintes ordem :—*Coches :*

1.°—Comitiva dos principes estrangeiros.

2.°—Veadores das duas Rainhas e conselheiro Nazareth.

3.°—Tres camaristas e um ajudante de campo.

4.°—Mordomo-mór—mestre de sala—Reposteiro-mór.

5.°—Embaixadores.

6.°—O sr. Infante D. Affonso e dois principes.

7.°—El-Rei e dois principes.

8.°—A corôa levada pelo reposteiro-menor.

9.°—Primeiro ajudante de campo, levando a espada, e outro levando o capacete.

10.°—Ecclesiasticos.

11.°—Coche de respeito.

12.°—Corpo d'El-Rei D. Luiz. Pegam ás borlas do caixão :

Mordomo-mór.
Duque de Loulé.
Duque de Palmella.
Marquez de Alvito.
Marquez de Sabugosa.
Marquez de Bellas.
Marquez da Fronteira.
Marquez d'Angeja.

— Chegou hontem, ás 9 horas da noite, o duque d'Aosta. O sr. infante D. Affonso foi a bordo n'uma galeota, onde conduziu sua alteza para terra. No arsenal estavam os ministros da marinha, obras publicas e estrangeiros. Em seguida partiram para o palacio d'Ajuda acompanhados pela guarda d'honra, que era feita por um esquadrão de cavallaria.

Tambem chegaram ás 3 horas e um quarto no *Sud-Express* os duques de Montpensier e de Edimburgo, e o embaixador ottomano e comitivas. Esperavam-n'os na *gare* o sr. infante D. Affonso, todo o ministerio, e os srs. ministros de Hespanha e Inglaterra. Trouxeram duas grandes caixas com coroas, que seguiram n'um trem para a egreja dos Jeronymos. Os embaixadores dirigiram-se da estação para os Jeronymos, em quatro trens da casa real, a depôr as corôas e prestar homenagem ao defunto monarcha.

— O encarregado de negocios do Mexico em Portugal, que chegou hontem a Lisboa para representar o seu governo no funeral do rei D. Luiz, depositou hoje nos Jeronymos, acompanhado do nosso amigo o sr. Breton y Vedra, consul geral d'aquella nação, duas magnificas corôas de penas pretas de grande tamanho e primorosamente feitas, offerecidas, uma pelo valente general D. Porfirio Diaz, presidente d'aquella republica, e outra em nome do governo pelo estadista D. Ignacio Mariscal, ministro dos negocios estrangeiros. Isto prova não só a galanteria dos mexicanos, mas tambem que as virtudes do nosso chorado rei eram conhecidas nas longiquas terras mexicanas.

— E' de todos a dôr que se sente pela morte d'El-Rei D. Luiz, e todos e por todos os modos desejam patenteal-a. Um empregado do paço dirigiu ao *Diario Popular* a seguinte carta:

«*Sr. redactor.*—A morte do meu bemfeitor e real amo, o chorado rei de Portugal, sr. D. Luiz, deixou no coração de todos que o conheceram e trataram de perto, uma saudade infinda, que não póde ser mitigada, nem ainda pela esperança de que a sua bondade e excelsas virtudes, lhe conquistaram a bemaventurança celestial. Mas se ha no meio da nossa dôr um lenitivo, apenas póde provir da certeza que qualquer acto de beneficencia suffragando a alma do caridoso monarcha será recebido com agrado, pelo seu espirito acrisolado pelo soffrimento e que hoje repousa na mansão dos justos. E' por isso que ouso rogar a v., sr. redactor, se digne acceitar a quantia de dez mil reis para repartir pelos seus pobres em testemunho do meu reconhecimento para com o bondoso amo que perdi, e orphanou toda a nação.

De v. etc.

Lisboa, 23—10—89.

Ignacio Miguel Mosqueira,
Encarregado da real ucharia da Ajuda.»

São muito para louvar estas expansões de sentimento que dão em resultado o alivio dos pobres.

— A rainha viuva foi ás 4 horas da tarde depôr uma corôa de grandes dimensões, muito valiosa. O sr. conde de Burnay depôz uma de ferro, fingindo folhas d'ouro com bagas.

Foram hoje depostas tambem muitas corôas no templo dos Jeronimos. Entre ellas veio já uma do duque de Montpensier, outra do conde de Paris e outra do rei da Suecia.

— Vai apparecendo agora a noticia de muitos beneficios que o sr. D. Luiz fazia a gente desvalida e que em sua vida eram ignorados do publico. Parece que subia a uma quantia muito avultada a somma das esmolas mensaes que o bolsinho do rei distribuia por muitas familias, que não tinham outro amparo. Vê-se agora que o fallecido rei soubera continuar a meritoria obra de beneficencia de D. Pedro V.

— O funeral d'ámanhã absorve todas as attenções. Ha um movimento extraordinario, e a curiosidade é tal que se alugam janellas nas ruas do transito a 10$000 e a 13$500 reis.

— Tem chegado muita gente das provincias, e até d'essa cidade e concelho, para tomar parte no prestito e assistir ao seu desfilar.

— Para acompanhar o funeral de El-Rei já não ha trens na capital. Os poucos que restam pedem já 12$000 reis, e mesmo por este preço tem sido acceites—tal é o furor de fazer parte do acompanhamento.

— As irmãs da caridade portuguezas, foram pedir ao Rei D. Carlos para velarem o cadaver de seu pae, o que lhes foi concedido, começando o seu serviço no dia 24 ao meio dia.

— As corôas que até quinta-feira á noute haviam sido depostas junto do catafalco eram já superiores a 120.

— Subiu a 600 o numero de carruagens para as quaes se pediu bilhetes de transito.

— A egreja dos Jeronymos fechou-se hoje ás 11 horas.

— Foram registados mais de 500 bilhetes de transito para trens e peões.

*

Falla-se muito accentuadamente em modificação ministerial, entrando alguns ministros novos do gremio progressista. Depois das eleições municipaes verificar-se-ha tambem a substituição d'alguns governadores civis, que as circumstancias indicam como necessaria.

— Condemna toda a gente o modo desrespeitoso porque a imprensa republicana se tem conduzido, tanto durante o suplicio porque passou o sr. D. Luiz no fim da sua vida, como depois da sua morte. Nunca se viu cousa assim. O que alli se tem escripto não póde proceder de corações humanos. Parece que aquella gente é uma raça espuria, condemnada por Deus e pelos homens. Censurando o facto, um jornal do Algarve, sob o titulo—*Justa indignação*—escreve o seguinte:

«Tem sido unanime a repugnancia que n'este concelho e em toda a provincia do Algarve causou o violento e vergonhoso artigo escripto nos *Debates*, jornal republicano de Lisboa, contra a familia real. Parece effectivamente extraordinario que ao auctor de semelhante verrina não cahisse a penna da mão ao ouvir os lamentos de toda uma familia angustiada, que apezar de ser de Reis nem por isso é isenta de padecimentos, chorando sobre a agonia horrorosa de um enorme desgraçado! Na verdade ha sujeitinhos que tem figados de hyena! E querem então estes senhores republicanos conciliar sympathias!...»

Não as pode ter quem assim procede. Aquella gente parece que só tem de humanas as fórmas externas. O mais, e salvas algumas excepções, é tudo informe e indigno.

— Logo que passe a crize de dôr que estamos atravessando, espera-se que o governo, no empenho de levar a toda a parte o beneficio dos melhoramentos publicos, e especialmente a Aveiro com quem tem sido largo em protecção, habilite a junta geral do districto a continuar as obras do edificio das repartições publicas, que é preciso concluir, e no qual se podem empregar muitos braços.

E posso dar-lhe tambem a grata noticia de que o quartel do 10 vae concluir-se. Não faltará pois trabalho aos que precisam d'elle para viver. E' o que posso affirmar-lhe.

— A imprensa opposicionista do Porto nota como um grande triunfo a eleição do sr. Arroyo, pretendendo provar que elle foi eleito pela maioria dos seus concidadãos. Engano. Todos sabem como as cousas eleitoraes correram alli. O auxilio que se quiz dar ao candidato esquerdista, que apenas tinha alli 800 votos certos, foi o que motivou a differença O partido progressista desdobrou-se, deu cerca de 2:000 votos ao candidato d'aquelle agrupamento e de ahi vem o successo que todos hoje lamentam. Mas não se mortifiquem as opposições combinadas da grande cidade. A eleição da camara está á porta e é então que podem e devem tirar-se as duvidas. Esperemos pois um pouco mais que o desengano não vem longe.

— O sr. Henrique de Macedo deve partir para Bruxellas, onde vai reunir a conferencia anti-escravista. Por essa occasião serão encarregados de auxiliar o sr. Macedo os srs. Jaime Batalha Reis, Hermenegilde Capello e Augusto Castilho.

— Um telegramma da ilha da Madeira recebido hoje confirma a eleição dos deputados, ficando eleitos por grande maioria o sr. Carlos Lobo d'Avila por 12:168 votos; Luiz Bandeira Coelho por 12:168, Catanho de Menezes por 12:795, Henrique de Sant'Anna por 8:458, Manuel d'Arriaga por 2:704.

Y.

Telegramma

LISBOA 26, ÁS 12 H. E 20 M. DA TARDE

Ao *Campeão das Provincias*—Aveiro.

Funeral imponentissimo. Concorrencia assombrosa. Bom tempo.

S.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ANNUNCIO

PELO Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão Dias da Silva, hão de ser postos em praça, no dia 10 de novembro proximo, por 11 horas da manhã, junto ás portas do tribunal judicial, para serem arrematados pelo maior lanço, os predios abaixo mencionadas, pertencentes ao casal do fallecido José Vieira da Silva Maio, d'esta cidade, os quaes são vendidos para pagamento de dividas do casal. Toda a contribuição é paga pelos arrematantes.

PREDIOS

Uma terra lavradia na estrada de Esgueira, limite de S. Bernardo, avaliada em 60$000 reis.

Uma terra lavradia sita no Forninho, limite de S. Bernardo, avaliada m 32$000 reis.

Um terreno com pinhal miúdo, no Val do Rendeiro, avaliado em 55$000 reis.

Uma terra de matto e pinheiros, sita na Cova do Ouro, limite d'Esgueira, avaliada em 75$000 reis.

Ficam por este citados os credores incertos do casal.

Aveiro, 18 de outubro de 1889.

O escrivão interino
Antonio Dias da Silva.

Verifiquei.—O juiz de direito, *A. Cortezão.*

CONCURSO

PERANTE a camara municipal do concelho de Ilhavo se acha a concurso por tempo de trinta dias, a contar da data do presente annuncio, a primeira cadeira elementar do sexo masculino, d'esta villa, com ordenado de 120$000 réis e as gratificações que por lei lhe competirem.

Os concorrentes instruirão seus requerimentos com os documentos de que tratam as instrucções regulamentares a que se refere a portaria de 8 d'agosto de 1881.

Ilhavo, e secretaria da camara, 27 de setembro de 1889.

O presidente da camara,

Bernardo dos Santos Camarão.

LOTERIAS

NACIONAES E ESTRANGEIRAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

COM CASAS DE CAMBIO EM

LISBOA—Rua do Arsenal, 56 a 64
PORTO—Feira de S. Bento, 33 a 35

Faz publico que satisfaz todos os pedidos de loterias na volta do correio, garantindo não haver extravios no correio, sendo todas as suas remessas feitas em cartas certificadas.

Acceita agentes em todos os pontos do paiz, dando boas referencias. E' um importante auxiliar este negocio para os commerciantes das provincias.

LOTERIAS PORTUGUEZAS

Em outubro, no dia 24.

Em todas as loterias o premio maior é de

9:000$000

Bilhetes, a 5$300; quintos a 1$060; oitavos a 660; cautelas de 260; 130, 45 e 30 rs.

Listasen viadas no proprio dia do sorteio.

LOTERIAS DE MADRID

NO MEZ DE OUTUBRO

Em 29, com dois premios de

14:400$000

Bilhetes a 6$500, decimos a 650; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.

As listas de todos os sorteios das loterias de Madrid são enviadas directamente de Madrid, no mesmo dia do sorteio; de maneira que chegam a todas as terras do paiz no segundo dia depois de realisado o sorteio.

Para os particulares recebem-se em pagamento dos seus pedidos notas do Banco, letras, ordens, vales do correio, sellos ou outros valores de prompta realisação.

Os pedidos devem ser dirigidos ao cambista

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

Lisboa

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

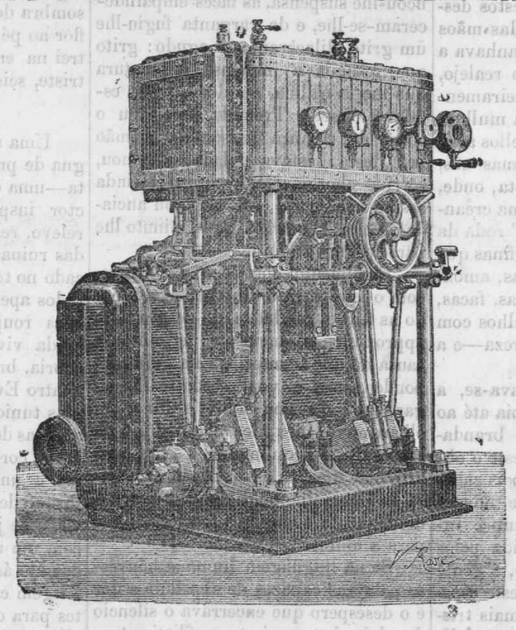
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Viscondeda Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferrro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

ARMAZENS DA BEIRA

RUA DE SANTA CATHARINA 184 A 186-A

RUA FORMOSA 253 A 257-A

PORTO

COMMERCIO DE PANNOS

Alta novidade em fazendas nacionaes e estrangeiras para a estação de inverno, recentemente chegadas.

Especialidade em casemiras de phantasia para casacos de senhora, e em malhas para fatos de meninos.

CONFECÇÕES POR MEDIDA

Executam-se, sem necessidade de prova, fatos para homem e creança, bem como casacos para senhora, para o que se enviam instrucções sobre o modo de tirar as medidas.

Satisfazem-se pedidos d'amostras, e para a provincia todas as encommendas são enviadas franco de porte.

LIVERPOOL, BRAZIL & RIVER PLATE MAIL STEAMERS

Cargas do Porto, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Porto Alegre e Pelotas.

COM TRASBORDO EM LISBOA

A frete corrido e conhecimento directo, **em vapores a sahirem quinzenalmente do Porto.**

Para informações dirigir-se aos

Agentes no Porto

A. J. Shore & C.ª

57—Rua dos Inglezes.

AMA

OFFERECE-SE uma de muito bom comportamento e de bom leite.

Quem a precisar, pode dirigir-se ao escriptorio da administração d'este jornal.

As pessoas que conhecem as
PILULAS
DO DOUTOR
DEHAUT
DE PARIS
não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

VENDA DE CASAS

VENDE-SE a casa da rua da Palmeira, que faz esquina com a rua de S. Gonçalinho. E' de dois andares, um dos quaes ao rez do chão. Não paga fôro de especie alguma. Trata-se com Luiz Barbosa, seu proprietario e n'ella morador.

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos de Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Snr. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO : 600 REIS.
Exigir em o rotulo a firma
Adh. DETHAN, Phen em PARIS.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA D'OURO

É esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL «SINGER»

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

FERRO QUEVENNE

Unico APPROVADO pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS

É o ferro no estado **puro** e, desde 30 annos, reconhecido o mais poderoso dos ferruginosos para curar : **ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS, DORES de ESTOMAGO**, etc. — Vende-se ; 1° em Pó ; 2° em Grageas.

EM. GENEVOIX, 14, Rue des Beaux-Arts, PARIS. — *Desconfie-se das imitações impuras.*

Exijir o Sello da **"UNION des FABRICANTS."**

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS

DO

DISTRICTO DE AVEIRO

ESTRADA DISTRICTAL N.° 62 DE BANDEIRA Á ESTRADA REAL N.° 45

(ANTIGA E. D. N.° 27-A, D'OVAR Á ANGEJA)

LANÇO DE ESTARREJA Á PREZA

ARREMATAÇÃO

FAZ-SE publico que a arrematação annunciada para o dia 25 do corrente (cujo annuncio era datado de 5 d'outubro), com relação ao referido lanço, da ponte comprehendida entre os perfis 0 e 47, fica transferida para o dia 30 do corrente.

Aveiro 21 d'outubro de 1889.

José da Maia Romão,
chefe interino da 3.ª secção.

COMPANIA GENERAL DE TABACOS

DE

FILIPPINAS

DEPOSITO, RUA DO ALECRIM, 20-A

As diversas marcas de charutos d'esta companhia vendem-se nas principaes tabacarias.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & F.ºs, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e da estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES O MAIS EFFICAZ E O MENOS DOLOROSO DE TODOS OS VESICATORIOS
FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubg St Denis PARIS.
E AS PRINCIPAES PHARMACIAS EM QUE ACHA-SE EM PEDAÇOS DE TODOS OS TAMANHOS.
EXIJA-SE A ASSIGNATURA ALBESPEYRES NO LADO VERDE.

PARIS

GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

Requisite-se

o catalogo general illustrado, em portuguez ou em francez, contendo **580 gravuras** (modelos ineditos) para a **ESTAÇÃO d'INVERNO** que se remette *gratis* e *franco* a quem o pedir em carta devidamente franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C.ie
PARIS

Este Catalogo indica as condições para a expedição *franco de porte* em **todos os paises do mundo.**

São igualmente enviadas franco as amostras de todos os tecidos que compõe os immensos sortimentos do *PRINTEMPS* especificando-se bem os generos e os preços.

Interpretes para todas as Linguas

á disposição das pessoas que desejem visitar os Armazens.

CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:
TRAVESSA DE S. NICOLAU 102-1°.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplendidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedroso, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kijölner, e R. Feijóo.

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o têxto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.° conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO